Índice

<table>
<thead>
<tr>
<th>Capítulo</th>
<th>Pág.</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>INTRODUÇÃO</td>
<td>1</td>
</tr>
<tr>
<td>I - ACTIVIDADES REALIZADAS PARA O APERFEIÇAMENTO DOS INSTRUMENTOS E TREINO DOS OBSERVADORES</td>
<td>2</td>
</tr>
<tr>
<td>II - ACTIVIDADES PARA A SELEÇÃO DO GRUPO DE COMPARAÇÃO</td>
<td>4</td>
</tr>
<tr>
<td>III - ACTIVIDADES DE FORMAÇÃO TEÓRICO-PRÁTICA</td>
<td>6</td>
</tr>
<tr>
<td>IV - RESULTADOS DO PRÉ-TESTE</td>
<td>7</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Resultados do prè-teste junto das Educadoras e das Professoras do Ensino Primário</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Resultados do prè-teste junto das Direcções</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Resultados do prè-teste junto dos Pais</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Resultados do prè-teste junto das Crianças</td>
</tr>
<tr>
<td>CONCLUSÃO</td>
<td>171</td>
</tr>
</tbody>
</table>
INTRODUÇÃO

O presente relatório procura descrever o conjunto de actividades, bem como alguns dos seus produtos, levadas a cabo pela Equipe de Avaliação Global do Projecto Alcácer, de Outubro de 1982 a Julho de 1983.

Ao longo da nossa exposição faremos referência a quatro aspectos fundamentais da nossa actividade no decurso do corrente ano.

Em primeiro lugar, serão apontados os trabalhos realizados com o objectivo de aperfeiçoamento de alguns instrumentos, bem como o treino dos observadores.

O segundo grupo de actividades referidas diz respeito ao processo de selecção do grupo de comparação das Caldas da Rainha.

Em terceiro lugar abordaremos as actividades respeitantes à formação teórico-prática da própria equipe de avaliação.

Por último, e com maior desenvolvimento, serão apresentados os resultados do pré-teste referentes quer à zona de intervenção, quer à zona de comparação. Com esta primeira apresentação não se procura, de modo algum, avançar em definitivo com uma interpretação causal dos resultados. Tal, parecer-nos-ia descabido sem que estivessem por um lado, completada a análise estatística e, por outro, obtidos os resultados do post-teste.

Os resultados do pré-teste serão apresentados em quatro secções: educadoras e professores do ensino primário, direcções, pais e crianças. Para cada uma destas secções, e relativamente às questões de avaliação previamente levantadas, serão referidos os instrumentos, a amostra, o período de observação, bem como os resultados acompanhados dos respectivos comentários.

Por último, convirá referir que pensamos, num futuro que se espera próximo, apresentar uma análise estatística circunstanciada dos resultados agora discutidos.
I ACTIVIDADES REALIZADAS PARA O APERFEIÇOAMENTO DOS INSTRUMENTOS E TREINO DOS OBSERVADORES

No seguimento dos estudos descritos no relatório anterior, continuou, durante o presente ano, a proceder-se ao aperfeiçoamento de alguns instrumentos previamente elaborados.

Estas actividades centraram-se desta vez mais a nível dos instrumentos para a avaliação do desenvolvimento infantil. Com efeito, da aplicação prévia dos instrumentos numa área do Grande Porto a cerca de 10 crianças, procedeu-se à alteração de um certo número de items, materiais, instruções e processos de cotação. Tais alterações visaram permitir ultrapassar dificuldades tidas na observação, aumentando a sua praticabilidade nas condições reais do terreno de intervenção.

Tratando-se os instrumentos, na sua grande maioria, de métodos de observação sistemática, a sua fidelidade fica largamente dependente da operacionalização dos items e do treino dos observadores. Os membros da equipe de avaliações deram a máxima atenção a estes aspectos. Dado o facto de as circunstâncias da observação exigirem um alto grau de especialização técnica, não nos parecia possível, no que às educadoras e crianças diz respeito, utilizar indivíduos sem formação superior em psicologia. Se, por um lado as exigências eram grandes, as condições oferecidas não garantam grande contrapartida - trabalho temporário e elevada quantidade de deslocações. Tal facto dificultou a seleção de observadores. No entanto, foram contratados três psicólogos para a realização das tarefas de observação das crianças e educadoras. Procurou-se, através de um processo de treino, capacitar os observadores para a utilização dos instrumentos com uma fidelidade inter-observador superior a 80%. Nalguns casos, quer para a observação das educadoras quer para a observação de crianças, tal não se mostrou possível, pelo que, obviamente, se procedeu à eliminação
dos respectivos itens.

De igual modo, junto de pais e direcções, após a escolha de observadores (assistente social) procedeu-se a uma breve formação procurando-se com isto uma uniformização das condições de observação.

Gostaríamos finalmente de sublinhar, tal como o fizemos no relatório anterior, que apesar do esforço dispندido na adaptação dos instrumentos e treino dos observadores, os resultados da presente avaliação poderão não estar ausentes de problemas de ordem metodológica. Seria impraticável, no curto espaço de tempo que antecedeu o pré-teste, proceder aos estudos necessários de validade e fidelidade. No entanto, e pesem embora estas limitações, os cuidados tidos parecem-nos ser garante suficiente da não aleatoriedade dos resultados.
II ACTIVIDADES PARA A SELEÇÃO DO GRUPO DE COMPARAÇÃO

Tal como já referido em relatório anterior, o "design" escolhido previligia a comparação de resultados através da constituição de um grupo "quasi-control". Para tal impunha-se a escolha de uma zona do país que, aproximando-se do Concelho de Alcácer em termos socio-económicos, estivesse igualmente a iniciar uma experiência em termos de formação de educadoras.

Do que nos foi dado observar, e após vários contactos estabelecidos, somente uma zona do país poderia possibilitar este estudo comparativo, muito embora, como é por demais evidente, não reunisse todas as condições que, "laboratorialmente", seriam de desejar.

O grupo escolhida para servir de comparação situa-se na zona da cidade das Caldas da Raína (distrito de Leiria), onde precisamente em 1982/83 se iniciou um curso de formação para educadoras de infância dirigido a indivíduos sem as habilitações necessárias, mas possuidores de prática profissional a este nível.

A selecção das educadoras foi feita com a colaboração dos responsáveis pelo curso a funcionar na Escola do Magistério das Caldas da Raína. A amostra final é constituída por 12 educadoras cuja média de idade anda à volta dos 31 anos, sendo 75% possuidora do 9º ano de escolaridade e 25% do 11º (na maioria dos casos incompleto). Procurou-se que as educadoras selecionadas contribuíssem para a não acentuação das discrepâncias, já por si existentes, entre a zona de intervenção e a de comparação.

No que aos pais e direcções diz respeito, e após contacto com os responsáveis dos centros onde trabalhavam as educadoras referidas, procedeu-se ao levantamento de uma amostra que, por um lado, representasse este Concelho e, por outro, não se dis

* As educadoras encontram-se a exercer a sua actividade profissional no decorrer do curso, nos seguintes centros: Salir de Matos, Alferzeiro, Santa Catarina, Caldas da Raína-Ramalho Ortigão, Caldas da Raína- INFANCOOP, Óbidos, V. Frades, A. da Baleia
tanciase de forma significativa da zona onde decorre a intervenção no terreno.

Na observação das direcções apenas se abdicou daqueles centros que, pela sua inserção geográfica, tornavam pouco exequível a avaliação (Peniche e Atouguia da Baleia).

A amostragem de pais foi retirada de quatro dos centros onde trabalham as educadoras referidas. Não foram inseridos nesta amostra centros da cidade de Caldas da Raína dadas as características nitidamente urbanas que lhes estavam subjacentes.

Assim, mais que a comparação entre os resultados da intervenção e a ausência desta, será possível com esta observação comparar a eficácia relativa de dois programas substancialmente diferentes para a promoção da educação infantil.
III ACTIVIDADES DE FORMAÇÃO TEÓRICO-PRÁCTICA

No decurso do presente ano promoveu-se o aperfeiçoamento teórico-prático dos membros da equipa de avaliação. Este concentrou-se em vários tipos de actividade:

1. Vários contactos com o próprio terreno de intervenção, quer na zona de Alcâcer, quer na zona das Caldas.
2. Participação em vários seminários de formação:
   2.1. "High Scope Foundation" - Fundação Calouste Gulbenkian, Novembro 1982
   2.2. Dr. Joaquim Bairrão Ruivo - Fundação Calouste Gulbenkian, Fevereiro 1983
   2.3. Prof. José Niza - Fundação Calouste Gulbenkian, Março 1983
   2.4. Métodos qualitativos de avaliação - orientado pela Dra. Emília Brederode na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto
3. Contactos individuais e de grupo com membros do Conselho Consultivo do Projecto Alcâcer
4. Trabalho de aprofundamento teórico. As actividades a este nível têm visado um duplo objectivo. Procurar, por um lado, através de uma revisão exaustiva da literatura neste domínio, o desenvolvimento teórico que possibilita a inserção dos resultados do Projecto Alcâcer no âmbito da investigação dos curriculæ de desenvolvimento infantil. Por outro lado, procurou-se uma formaçăo actualiza da naquilo que os métodos de avaliação de projectos diz respeito e da qual se espera a consubstanciaçăo futura em termos de produção de um manual neste domínio.
RESULTADOS DO PRE - TESTE
RESULTADOS DO PRE - TESTE JUNTO DAS EDUCADORAS E DAS PROFESSORAS DO ENSINO PRIMÁRIO
INTRODUÇÃO

Apresentam-se de seguida os resultados do pré-teste junto das educadoras do grupo experimental de Alcácer e do grupo de comparação das Caldas, bem como das professoras do ensino primário de Alcácer.

Trata-se, no entanto, de uma primeira apresentação dos resultados, não se procurando uma análise exaustiva sob o ponto de vista interpretativo. É nosso objectivo fazer unicamente um relato descritivo da educação infantil nestas duas zonas. Deste modo, dispensamo-nos de apresentar medidas de dispersão dos resultados bem como a análise estatística das diferenças encontradas. Tal estudo adquirirá, por certo, maior sentido aquando da obtenção dos resultados do post-teste.

Em relação às questões que nos propusemos de início avaliar, somente uma não consta no presente relatório – actividades de planeamento em equipe. A observação nesta domínio mostrou-se de difícil exequibilidade dadas as características de que se reves-tia no momento o projecto "Alcácer".

O relato relativo às educadoras e professoras do ensino primário é apresentado em seis secções referentes a tantas outras questões. Em relação a cada secção apresentaremos de forma breve o instrumento, a amostra, o período de observação (visto estes terem sido já suficientemente detalhados em relatório anterior) e deter-nos-emos na apresentação dos resultados sob forma de quadros e/ou gráficos acompanhados dos respectivos comentários.

Gostaríamos, no entanto, de alertar para o facto de os dados principais se encontrarem a nível de gráficoas e quadros, li-
mitando-se os comentários a salientar alguns dos aspectos mais sensíveis. Optou-se por abdicar de uma discussão exaustiva dos resultados enquanto a interpretação estatística não tiver sido feita, o que esperamos vir a acontecer em breve.
1- ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO EDUCATIVO PARA A PROMOÇÃO DO DESENVOLVI
MENTO COGNITIVO, SOCIO-AFECTIVA, PSICO-SOCIAL E DA LINGUAGEM

1.1. Instrumento

Para a observação destes aspectos foi utilizada uma "check-
list" que englobava os seguintes factores ou escalas:

- organização da rotina diária
- actividades para o desenvolvimento da linguagem
- actividades para o desenvolvimento cognitivo
- actividades para o desenvolvimento psico-motor e compreensão musical
- actividades para o desenvolvimento socio-afec-
tivo
- actividades para o desenvolvimento da capacidade de planear/executar/avaliar

1.2. Amostra

Foram observados 7 centros da zona de Alcácer (grupo experi-
tmental) e 9 centros da zona das Caldas (grupo de comparação).

Em Alcácer foram objecto de observação 11 educadoras das 13 inicialmente previstas*. Nas Caldas foram observadas 12 edu-
cadoras.

1.3. Período de observação

As observações decorreram durante os meses de Fevereiro e Março de 1983.

1.4. Resultados

Os resultados globais percentuais para ambos os grupos en-
contram-se expressos no quadro I, figura 1.

---

* Uma encontrava-se doente (Torrão) e outra ocupada em funções ad-
ministrativas (Rio de Moínhos)
QUADRO I - PRÁTICAS EDUCATIVAS

<table>
<thead>
<tr>
<th></th>
<th>ALCACER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Organização do meio físico</td>
<td>59.36%</td>
<td>54.78%</td>
</tr>
<tr>
<td>Rotina Diária</td>
<td>45.37%</td>
<td>46.87%</td>
</tr>
<tr>
<td>Desenvolvimento da capacidade de planeamento/Execut/Avaliação</td>
<td>27.23%</td>
<td>53.84%</td>
</tr>
<tr>
<td>Desenvolvimento da linguagem</td>
<td>33.71%</td>
<td>46.42%</td>
</tr>
<tr>
<td>Desenvolvimento Cognitivo</td>
<td>16.29%</td>
<td>14.70%</td>
</tr>
<tr>
<td>Desenvolvimento Socio-afetivo</td>
<td>30.76%</td>
<td>36.53%</td>
</tr>
<tr>
<td>Desenvolvimento Psicomotor</td>
<td>13.5%</td>
<td>34.66%</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Fig. 1 - Práticas educativas

1.5. Comentários

Perante estes resultados parece ser de salientar os se-
quintes 3 aspectos:

. Na quase totalidade dos domínios observados, os valores situam-se abaixo dos 50% dos objetivos desejáveis.

. Diferença tendencialmente superior para o grupo de comparação das Caldas, embora só pareçam adquirir saliência as diferenças ao nível das actividades para o desenvolvimento da capacidade de planear/executar/avaliar e da língua.

. De salientar ainda o facto de, em ambas as zonas, serem extremamente reduzidas as actividades para o desenvolvimento cognitivo (16,29% em Alcácer e 14,70% nas Caldas).

2- ACTIVIDADES DE COLABORAÇÃO COM OS PAIS

2.1. Instrumento

No que respeita à análise das actividades de colaboração mantidas entre as educadoras e os pais das crianças, foi utilizada uma escala que versava 4 aspectos:

. regularidade dos encontros com os pais
. temas de conversa com os pais
. locais de encontro com os pais
. tipos de actividades realizadas com os pais

2.2. Amostra

Da amostra a que foi passado o respectivo instrumento faziam parte 13 educadoras da zona de Alcácer e 12 educadoras da zona de comparação das Caldas.

2.3. Período de observação

As escalas foram passadas a ambos os grupos durante os meses de Fevereiro e Março de 1983.
2.4. Resultados

Os resultados para cada um dos aspectos analisados encontram-se expostos nos quadros II, III, IV, V, e respectivas figuras.

QUADRO II - REGULARIDADE DAS CONVERSAS COM OS PAIS

<table>
<thead>
<tr>
<th></th>
<th>ALCACER</th>
<th></th>
<th></th>
<th></th>
<th></th>
<th></th>
<th></th>
<th></th>
<th></th>
<th></th>
<th></th>
<th></th>
<th></th>
<th></th>
<th></th>
<th></th>
<th></th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td></td>
<td>TOTAL</td>
<td>%</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Todos os dias</td>
<td>9</td>
<td>69.23%</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Uma vez p/semana</td>
<td>1</td>
<td>7.69%</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Uma vez p/mês</td>
<td>0</td>
<td>0.0%</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Raramente</td>
<td>3</td>
<td>23.07%</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>TOTAL</td>
<td>%</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>4</td>
<td>33.3%</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
</tbody>
</table>

Fig. 2 - Regularidade das conversas com os pais
QUADRO III - TEMAS DE CONVERSA COM OS PAIS

<table>
<thead>
<tr>
<th></th>
<th>ALCÁCER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td></td>
<td>Ordem de Prioridade</td>
<td>Média</td>
</tr>
<tr>
<td>Alimentação</td>
<td>1</td>
<td>1.38</td>
</tr>
<tr>
<td>Remédios a tomar</td>
<td>2</td>
<td>2.30</td>
</tr>
<tr>
<td>Estado de saúde</td>
<td>3</td>
<td>2.69</td>
</tr>
<tr>
<td>Sono</td>
<td>4</td>
<td>4.23</td>
</tr>
<tr>
<td>Actividades do Infantário</td>
<td>5</td>
<td>4.46</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Fig. 3 - Temas de conversa com os pais
QUADRO IV - LOCAIS DE ENCONTRO COM OS PAIS

<table>
<thead>
<tr>
<th></th>
<th>ALCÁCER</th>
<th></th>
<th>CALDAS</th>
<th></th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td></td>
<td>Ordem de</td>
<td>Média</td>
<td>Ordem de</td>
<td>Média</td>
</tr>
<tr>
<td>Prioridade</td>
<td>Prioridade</td>
<td></td>
<td>Prioridade</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Quando vem trazer ou levar a criança</td>
<td>1</td>
<td>1.07</td>
<td>1</td>
<td>2</td>
</tr>
<tr>
<td>Por acaso</td>
<td>2</td>
<td>2.46</td>
<td>1</td>
<td>2</td>
</tr>
<tr>
<td>Quando os mandar chamar</td>
<td>4</td>
<td>3.30</td>
<td>4</td>
<td>3.33</td>
</tr>
<tr>
<td>Em reuniões de país</td>
<td>3</td>
<td>3.15</td>
<td>3</td>
<td>2.66</td>
</tr>
</tbody>
</table>

![Bar Chart](Fig.4 - Locais de encontro com os pais)
<table>
<thead>
<tr>
<th>Atividade</th>
<th>ALCÂCER média</th>
<th>CALDAS média</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Regularidade de encontros com os pais</td>
<td>2.07</td>
<td>2.58</td>
</tr>
<tr>
<td>Procurar informação acerca do comportamento da criança em casa</td>
<td>3</td>
<td>3.25</td>
</tr>
<tr>
<td>Estimular os pais a visitarem os centros</td>
<td>1.69</td>
<td>1.91</td>
</tr>
<tr>
<td>Encorajar os pais a trabalhar como voluntários nos centros</td>
<td>2.92</td>
<td>2.91</td>
</tr>
<tr>
<td>Ayudar a compreender o desenvolvimento da criança</td>
<td>2.46</td>
<td>3.33</td>
</tr>
<tr>
<td>Ayudar a compreender a razão de ser das actividades do centro</td>
<td>2.30</td>
<td>2.30</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Fig. 5 - Actividades realizadas com os pais
2.5. Comentários

2.5.1. Regularidade dos encontros com os pais
De salientar a este nível o facto de em Alcâcer cerca de 70% das educadoras relatarem o carácter diário do encontro com os pais, ao passo que nas Caldas tal percentagem pouco ultrapassar os 30%.
Embora não nos caiba no momento a explicação dos resultados observados, podemos desde já adiantar que a tão saliente discrepância não é estranho o facto de nas Caldas a maior parte dos centros serem possuidores de meios de transporte para as crianças, reduzindo em consequência as probabilidades dos contactos diários com os pais.

2.5.2. Temas de conversa com os pais
Parece clara a importância prioritária dada nas conversas mantidas com os pais, a tarefas de cuidados básicos (alimentação, medicamentos, e saúde) em detrimento de questões inerentemente educativas.
Registe-se no entanto o facto de, nas Caldas, a discussão com os pais àcerca das actividades realizadas no infantário vir apresentada em segunda posição de prioridade, ao passo que em Alcâcer ela se situar em 5o lugar na ordem de prioridade dos temas de conversa mantidas com os pais.

2.5.3. Locais de encontro com os pais
A maior parte das educadoras relata encontrar-se mais frequentemente com os pais quando eles vêm trazer a criança ao infantário ou então em situações meramente casuais. No entanto, em Alcâcer, a primeira possibilidade apresenta uma prioridade nitidamente superior àquilo que se passa nas Caldas. Não existindo a nível
desta zona uma diferença entre a primeira e a segunda situação.

2.5.4. **Actividades realizadas com os pais**

Em Alcácer aparecem como pontos altos das actividades realizadas com os pais: procura de informação acerca do comportamento da criança em casa; encorajamento aos pais a trabalharem como voluntários nos centros. Quer a jaula na compreensão do desenvolvimento das crianças, quer a explicação das razões de ser das actividades dos centros, quer ainda o encorajamento à visita aos centros, são actividades bem menos frequentes.

Nas Caldas a procura de informação acerca do comportamento da criança em casa bem como a ajuda à compreensão do desenvolvimento da criança adquirem grau de prioridade, sendo relegada para plano menor a estimulação à visita dos pais, bem como a ajuda à compreensão dos pais em relação às actividades dos centros.

3- **CONHECIMENTOS DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL**

3.1. **Instrumento**

Para a avaliação dos conhecimentos de desenvolvimento infantil foi utilizada uma escala de 47 itens de escolha múltipla.

3.2. **Amostra**

Constituiram a amostra 13 educadoras da zona experimental de Alcácer e 12 do grupo de comparação das Caldas.

3.3. **Período de observação**

A escala foi passada a ambos os grupos durante os meses de Fevereiro e Março de 1983.

3.4. **Resultados**

Os resultados encontram-se expostos no quadro VI e respectivo gráfico.
QUADRO VI - CONHECIMENTOS DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL

<table>
<thead>
<tr>
<th></th>
<th>Média</th>
<th>%</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>ALCÂCER</td>
<td>19.92</td>
<td>42.38%</td>
</tr>
<tr>
<td>CALDAS</td>
<td>21.50</td>
<td>45.74%</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Fig. 6 - Conhecimento de desenvolvimento infantil

3.5. Comentários

Parecem existir nestes resultados dois aspectos dignos de realce:

- ambos os grupos apresentam resultados inferiores a 50%
- não parece existir diferença significativa entre os resultados dos grupos da Caldas e de Alcâcer
4- AVALIAÇÃO DAS FUNÇÕES DA EDUCAÇÃO INFANTIL

4.1. Instrumento

Foi utilizada uma escala de avaliação das funções da educação infantil do tipo "rating scale". A escala é composta por itens que se podem englobar em 5 grandes grupos: sociais, cognitivos, linguagem, psicomotores e cuidados básicos.

4.2. Amostra

A amostra foi constituída por 12 educadoras das Caldas e 13 de Alcâcer.

4.3. Período de observação

A semelhança dos anteriores, o período de observação decorreu durante os meses de Fevereiro e Março de 1983.

4.4. Resultados

Os resultados são apresentados nos quadros VII e VIII e figura 7.

QUADRO VII - AVALIAÇÃO DAS FUNÇÕES DA EDUCAÇÃO INFANTIL, POR FACTORES

<table>
<thead>
<tr>
<th></th>
<th>Social</th>
<th>Cognitivo</th>
<th>Linguagem</th>
<th>Psicomotor</th>
<th>Cuidados Básicos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td></td>
<td>$\bar{x}$</td>
<td>$\bar{x}$</td>
<td>$\bar{x}$</td>
<td>$\bar{x}$</td>
<td>$\bar{x}$</td>
</tr>
<tr>
<td>ALCÁCER</td>
<td>3.54</td>
<td>3.32</td>
<td>3.48</td>
<td>3.48</td>
<td>3.13</td>
</tr>
<tr>
<td>CALDAS</td>
<td>3.46</td>
<td>2.95</td>
<td>3.60</td>
<td>3.50</td>
<td>2.92</td>
</tr>
</tbody>
</table>
Fig. 7 - Avaliação das funções da educação infantil por fatores

QUADRO VIII - DISTRIBUIÇÃO DOS RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO PARA AVALIAÇÃO DAS FUNÇÕES DA EDUCAÇÃO INFANTIL

<table>
<thead>
<tr>
<th>ITEM</th>
<th>ALCÂCER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>1</td>
<td>3.84</td>
<td>3.66</td>
</tr>
<tr>
<td>2</td>
<td>3.30</td>
<td>2.58</td>
</tr>
<tr>
<td>3</td>
<td>3.00</td>
<td>2.65</td>
</tr>
<tr>
<td>4</td>
<td>3.15</td>
<td>2.50</td>
</tr>
<tr>
<td>5</td>
<td>2.91</td>
<td>2.91</td>
</tr>
<tr>
<td>6</td>
<td>2.53</td>
<td>3.66</td>
</tr>
<tr>
<td>7</td>
<td>2.46</td>
<td>2.33</td>
</tr>
<tr>
<td>8</td>
<td>3.23</td>
<td>3.41</td>
</tr>
<tr>
<td>9</td>
<td>3.46</td>
<td>3.25</td>
</tr>
<tr>
<td>10</td>
<td>3.46</td>
<td>3.58</td>
</tr>
<tr>
<td>11</td>
<td>3.30</td>
<td>3.33</td>
</tr>
<tr>
<td>12</td>
<td>3.46</td>
<td>3.83</td>
</tr>
<tr>
<td>13</td>
<td>3.46</td>
<td>2.91</td>
</tr>
<tr>
<td>14</td>
<td>3.38</td>
<td>3.58</td>
</tr>
<tr>
<td>15</td>
<td>3.39</td>
<td>3.75</td>
</tr>
<tr>
<td>16</td>
<td>3.69</td>
<td>3.75</td>
</tr>
<tr>
<td>17</td>
<td>3.23</td>
<td>3.25</td>
</tr>
<tr>
<td>18</td>
<td>3.15</td>
<td>3.36</td>
</tr>
<tr>
<td>19</td>
<td>3.69</td>
<td>3.66</td>
</tr>
<tr>
<td>20</td>
<td>3.00</td>
<td>2.36</td>
</tr>
<tr>
<td>21</td>
<td>3.53</td>
<td>3.41</td>
</tr>
<tr>
<td>22</td>
<td>3.22</td>
<td>3.25</td>
</tr>
<tr>
<td>23</td>
<td>3.38</td>
<td>3.16</td>
</tr>
<tr>
<td>24</td>
<td>3.38</td>
<td>3.41</td>
</tr>
<tr>
<td>25</td>
<td>3.46</td>
<td>2.91</td>
</tr>
<tr>
<td>26</td>
<td>3.53</td>
<td>2.85</td>
</tr>
<tr>
<td>27</td>
<td>3.38</td>
<td>2.91</td>
</tr>
</tbody>
</table>
4.5. **Comentários**

Os resultados, embora apresentados item por item, adquirem mais sentido quando condensados em termos de factores*. Três aspectos parecem ser de assinalar:

- A diferença mais acentuada entre os 2 grupos situa-se ao nível do domínio cognitivo e de cuidados básicos - ambos menos valorizados pelas educadoras das Caldas.
- Excessiva valorização dada à função de cuidados básicos da educação infantil.
- Por último nota-se uma acentuada indiferenciação das funções da educação infantil.

---

5- **FUNÇÕES DA EDUCAÇÃO INFANTIL SEGUNDO OS PROFESSORES DO ENSINO PRIMÁRIO**

5.1. **Instrumento**

Foi utilizado o mesmo instrumento descrito no nº 4.

5.2. **Amostra**

A amostra foi constituída por sete professores do Ensino Primário das sete zonas correspondentes aos respectivos centros de educação infantil.

5.3. **Período de observação**

Durante Fevereiro e Março de 1983.

5.4. **Resultados**

Os resultados desta avaliação são apresentados nos seguintes quadros (IX e X) e gráfico (Figura 8).

---

* Realça-se desde já que os factores referidos são hipotéticos, visto não ter sido ainda feita a análise factorial que os identifique.
QUADRO IX - DISTRIBUIÇÃO DOS RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO PARA AVALIAÇÃO DAS FUNÇÕES DA EDUCAÇÃO INFANTIL, JUNTO DE PROFESSORES PRIMÁRIOS

<table>
<thead>
<tr>
<th></th>
<th>1</th>
<th>2</th>
<th>3</th>
<th>4</th>
<th>5</th>
<th>6</th>
<th>7</th>
<th>8</th>
<th>9</th>
<th>10</th>
<th>11</th>
<th>12</th>
<th>13</th>
<th>14</th>
<th>15</th>
<th>16</th>
<th>17</th>
<th>18</th>
</tr>
</thead>
</table>

<table>
<thead>
<tr>
<th></th>
<th>19</th>
<th>20</th>
<th>21</th>
<th>22</th>
<th>23</th>
<th>24</th>
<th>25</th>
<th>26</th>
<th>27</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Média</td>
<td>3.67</td>
<td>3.71</td>
<td>3.28</td>
<td>3.71</td>
<td>3.28</td>
<td>3.42</td>
<td>4</td>
<td>3.85</td>
<td>3.71</td>
</tr>
</tbody>
</table>

QUADRO X - AVALIAÇÃO DAS FUNÇÕES DA EDUCAÇÃO INFANTIL (POR FACTORES) JUNTO DOS PROFESSORES PRIMÁRIOS.

<table>
<thead>
<tr>
<th></th>
<th>Social</th>
<th>Cognitivo</th>
<th>Linguagem</th>
<th>Psicomotor</th>
<th>Cuidados Básicos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Professores Primários</td>
<td>3.56</td>
<td>3.62</td>
<td>3.71</td>
<td>3.51</td>
<td>3.64</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Fig. 8 - Avaliação das funções da educação (por factores) junto das Professoreas do Ensino Primário.
5.5. Comentários

Neste domínio é ainda mais clara, que em relação aos educadores infantis, uma ausência de diferenciação entre as diferentes funções da educação pré-escolar, acompanhada aliás de uma tendência generalizada para uma valorização considerável de todos os itens.

Para os professores do ensino primário, os cuidados básicos, aparecem como uma função clara da educação pré-escolar.

6- EXPECTATIVA ACERCA DAS CRIANÇAS PROVENIENTES DOS CENTROS

6.1. Instrumento

Foi utilizada uma escala que mediu a expectativa, em termos comparados, entre crianças provenientes da pré-escola e crianças que não tiveram essa experiência. Esta comparação foi pedida quanto a uma série de 13 aspectos: disciplina, relação com a professora, relação com os colegas, capacidade de realizarem as tarefas por si próprias, manipulação do material escolar, leitura, escrita, cálculo, expressão dramática, expressão plástica, participação nas aulas e outras atividades, linguagem e criatividade.

6.2. Amostra

Sete professoras do ensino primário das zonas correspondentes aos centros de educação infantil observados na zona de Alcâcer.

6.3. Período de observação

O questionário foi passado aos professores do ensino primário entre os meses de Fevereiro e Março de 1983.

6.4. Resultados

O quadro XI representa os dados das observações.
### Quadro XI - Expectativas acerca das crianças provenientes dos centros de educação infantil

<table>
<thead>
<tr>
<th></th>
<th>Superior</th>
<th>Igual</th>
<th>Inferior</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td></td>
<td>T</td>
<td>T</td>
<td>T</td>
</tr>
<tr>
<td>Disciplina</td>
<td>5</td>
<td>21.42</td>
<td>1</td>
</tr>
<tr>
<td>Relação com o professor</td>
<td>6</td>
<td>55.71</td>
<td>1</td>
</tr>
<tr>
<td>Relação com os colegas</td>
<td>6</td>
<td>55.71</td>
<td>1</td>
</tr>
<tr>
<td>Capacidade de realizar as tarefas por si próprio</td>
<td>7</td>
<td>100</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Manipulação do material escolar</td>
<td>7</td>
<td>100</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Leitura</td>
<td>5</td>
<td>21.42</td>
<td>2</td>
</tr>
<tr>
<td>Escrita</td>
<td>6</td>
<td>85.71</td>
<td>1</td>
</tr>
<tr>
<td>Cálculo</td>
<td>6</td>
<td>85.71</td>
<td>1</td>
</tr>
<tr>
<td>Expressão Dramática</td>
<td>7</td>
<td>100</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Expressão plástica</td>
<td>7</td>
<td>100</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Participação nas atividades</td>
<td>5</td>
<td>71.42</td>
<td>2</td>
</tr>
<tr>
<td>Linguagem</td>
<td>5</td>
<td>71.47</td>
<td>2</td>
</tr>
<tr>
<td>Criatividade</td>
<td>6</td>
<td>85.71</td>
<td>1</td>
</tr>
</tbody>
</table>

#### 6.5. Comentários

A quase totalidade dos professores, e no que respeita a quase todos os domínios, descreve esperar que os alunos provenientes dos centros de educação infantil apresentem resultados superiores àqueles que não usufruíram dessa possibilidade.

Há, no entanto, um professor, que espera que eles sejam mais indisciplinados e dois que consideram que eles podem vir a ser iguais na leitura, na participação e na linguagem.
RESULTADOS DO PRÉ-TESTE JUNTO DAS DIREÇÕES
Esta avaliação de pré-teste procura conhecer a situação "inicial" das direcções num conjunto de parâmetros objecto de intervenção do Projecto.

Os resultados aqui apresentados, dizem unicamente respeito ao questionário passado junto dos membros das direcções, muito embora inicialmente se tenha referido a utilização de outros dois instrumentos de avaliação no grupo de Alcácer. Esta limitação prende-se em primeiro lugar, e no que se refere concretamente à "discussão de grupo", com dificuldades temporais e de disponibilidade de pessoal. Quanto à avaliação com base no "registo de acontecimentos", que nós próprios temos vindo a realizar (Assembleias de Direcções e sessões de balanço de actividades) ou seja, objecto de actas elaboradas por parte da equipe de intervenção, faz pouco sentir a apresentação dos elementos possuídos dada a ausência de resultados comparativos e ainda a sua não total sistematização.

A administração dos questionários decorreu de Janeiro a Março de 1983, tendo começado primeiramente pelo grupo de Alcácer. Os membros das direcções, em processo eleitoral na altura, vieram a responder ao questionário mais tarde, procurando-se deste modo que houvesse um intervalo mínimo de 1 mês entre o início das funções directivas e o momento da avaliação.

No quadro XII apresentamos a amostra que serviu de base aos resultados aqui apresentados. Nas questões em que ocorra oscilação do número de respostas, faremos então referência a essas alterações.

Finalmente teremos sempre em consideração a divisão global da amostra nos dois grupos constituidos: Alcácer e Caldas da Rainha, fazendo-se ainda a subdivisão do primeiro em termos de zona de Elaboração e zona de Extensão.
Quadro XII - Membros das direcções observados.

<table>
<thead>
<tr>
<th>AMOSTRA</th>
<th>ALCÁCER</th>
<th></th>
<th>CALDAS</th>
<th></th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td></td>
<td>ELABORAÇÃO</td>
<td>EXTENSÃO</td>
<td>GLOBAL</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>NÚMERO DE SUJEITOS</td>
<td>9</td>
<td>15</td>
<td>24</td>
<td>31</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1- CAPACIDADES JURÍDICAS, CONTABILÍSTICAS E PEDAGÓGICAS NA GESTÃO DOS INFANTÁRIOS

Este aspecto engloba praticamente todo o funcionamento dos centros, sendo aqui analisado o que os membros da direcção pensam, sentem e fazem no processo de existência diária dos infantários.

1.1. Dificuldades sentidas pelos membros

Esta questão é respondida em dois momentos, conforme nos reportemos à situação de início das funções directivas, ou conforme nos situemos no momento de realização desta avaliação.

Quanto à primeira, indicamos no quadro XIII as dificuldades que os elementos referem, agrupando-as finalmente, no quadro XIV, por três grupos: condições materiais (1 e 2), funcionamento da equipa e formação (3e 4) e, finalmente, relação com outros agentes (5 e 6). Este agrupamento facilita-nos o tratamento estatístico dos resultados e a sua interpretação, muito embora sejam de salientar os condicionalismos de tal prática, nomeadamente pela possível interdependência do grupo 2 e 3.

<table>
<thead>
<tr>
<th>AMOSTRA</th>
<th>ALÇACER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TIPO</td>
<td>Elaboração</td>
<td>Extensão</td>
</tr>
<tr>
<td>Falta de verbas</td>
<td>2</td>
<td>6</td>
</tr>
<tr>
<td>Equipamento</td>
<td>1</td>
<td>3</td>
</tr>
<tr>
<td>Descoordenacao do grupo</td>
<td>1</td>
<td>1</td>
</tr>
<tr>
<td>Falta de conhecimentos</td>
<td>1</td>
<td>5</td>
</tr>
<tr>
<td>Relação c/ pais</td>
<td>1</td>
<td>3</td>
</tr>
<tr>
<td>Relação c/ pessoal</td>
<td>1</td>
<td>-</td>
</tr>
</tbody>
</table>
QUADRO XIV - GRUPO DE DIFICULDADES NO INÍCIO DAS FUNÇÕES, EM PERCENTAGEM.

<table>
<thead>
<tr>
<th>AMOSTRA</th>
<th>ALCACER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>GRUPO</td>
<td>Elaboração</td>
<td>Extensão</td>
</tr>
<tr>
<td>Condições Materiais</td>
<td>(43%)</td>
<td>(50%)</td>
</tr>
<tr>
<td>Funcionamento e formação da Equipe</td>
<td>(29%)</td>
<td>(33%)</td>
</tr>
<tr>
<td>Relação com outros agentes</td>
<td>(29%)</td>
<td>(17%)</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Do conjunto dos dois quadros anteriores pode-se concluir que as dificuldades materiais são comuns aos dois concelhos, sendo mais importante a respeitante à falta de verbas (talvez porque mais imediata) do que as relacionadas com o próprio equipamento. Nas Caldas parece no entanto notar-se uma maior preocupação com tudo o que diz respeito à orgânica da própria equipa directiva. Também aqui, é de referir uma maior percentagem de dificuldades nas relações com o pessoal do que com os pais, inversamente ao constatado no concelho de Alcácer.

Parece-nos ainda de interesse acentuar que, a maior incidência das dificuldades ao nível das condições materiais e da própria equipa directiva, em contraponto com as dificuldades ligadas ao relacionamento com os pais e pessoal, poderá ter a ver com os condicionalismos específicos da situação de entrada no exercício destas funções.
Quanto ao segundo momento a que nos reportamos, altura desta avaliação, os valores encontrados (quadro XV) são muito próximos dos anteriores, apresentando-se agora apenas os respeitantes a grupos de dificuldades.

**QUADRO XV - GRUPO DE DIFICULDADES NO MOMENTO DA AVALIAÇÃO, EM PERCENTAGÉM**

<table>
<thead>
<tr>
<th>AMOSTRA</th>
<th>ALCACER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>GRUPO</td>
<td>Elaboração</td>
<td>Extensão</td>
</tr>
<tr>
<td>Condições materiais</td>
<td>57%</td>
<td>36%</td>
</tr>
<tr>
<td>Funcionamento e formação da Equipe</td>
<td>14%</td>
<td>32%</td>
</tr>
<tr>
<td>Relação c/ pais e pessoal</td>
<td>14%</td>
<td>27%</td>
</tr>
<tr>
<td>Outros(1)</td>
<td>14%</td>
<td>5%</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Em ambos os concelhos, aliás de um modo mais diferenciado, as condições materiais surgem como causa das dificuldades mais frequentemente sentidas pelos membros das direções. Também estas dificuldades se prendem mais com a falta de verbas do que a de equipamentos (75% contra 25% em Alcácere e 67% contra 33% nas Caldas). A manutenção desta realidade é indicadora das dificuldades sentidas pelos centros ao nível da sua própria subsistência.

Finalmente, convém referir que a rubrica "falta de conhecimento" inclui quer os aspectos burocráticos, quer os pedagógicos da vida dos infantários. No entanto, apenas neste segundo momento, aparecem de facto preocupações de índole pedagógica (Alcácere-zona de extensão/2 vezes; Caldas/3 vezes).

---

(1) Sob esta rubrica aparece referido por quatro membros das Caldas da Rainha a falta de pessoal técnico especializado (médico, psicólogo).
1.2. **Principais dificuldades sentidas pelas direcções**

A par do levantamento das dificuldades sentidas pelos membros individualmente, procedeu-se igualmente à sua inventariação, desta vez tomando a direção como um grupo. Especificamos-las aqui em quatro domínios: os pais, o pessoal, a própria direção e as condições materiais do centro (quadro XVI), tendo agora apenas presente o momento da avaliação.

**QUADRO XVI - DIFICuldADES SENTIDAS PELO GRUPO DA DIREÇÃO**

<table>
<thead>
<tr>
<th>AMOSTRA</th>
<th>ALCACER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TIPO</td>
<td>Elaboração</td>
<td>Extensão</td>
</tr>
<tr>
<td>País</td>
<td>48%</td>
<td>42%</td>
</tr>
<tr>
<td>Pessoal</td>
<td>3%</td>
<td>5%</td>
</tr>
<tr>
<td>Direcção</td>
<td>13%</td>
<td>15%</td>
</tr>
<tr>
<td>Condições materiais</td>
<td>36%</td>
<td>38%</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Estes dados permitem retirar algumas ilações. Em primeiro lugar, as condições materiais dos centros aparecem com um peso acentuado nas dificuldades sentidas pelo grupo da direcção; seguindo, constata-se uma importância crescente do relacionamento com os pais como ocasião de dificuldade, mais nítida no concelho de Alcácer (figura-9). Este último aspecto, em aparente contradição com os resultados anteriormente apresentados, permite-nos concluir que, como um grupo, a direcção sente dificuldades nas suas relações com os pais, embora o mesmo não se verifique na relação individualizada de cada um dos membros da direcção.
1.3. Participação dos vários membros

De um modo geral, cada um dos membros tem uma opinião favorável quanto ao grau de participação dos seus colegas (quadro XVII). Assim, 92 e 94% dos membros, respectivamente de Alcâcer e das Caldas, consideram haver pelo menos uma participação média.
QUADRO XVII - GRAU DE PARTICIPAÇÃO DOS VÁRIOS MEMBROS NA DIREÇÃO

<table>
<thead>
<tr>
<th>AMOSTRA</th>
<th>ALCACER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td></td>
<td>Elaboração</td>
<td>Extensão</td>
</tr>
<tr>
<td>Todos</td>
<td>22%</td>
<td>60%</td>
</tr>
<tr>
<td>Alguns</td>
<td>67%</td>
<td>31%</td>
</tr>
<tr>
<td>Poucos</td>
<td>11%</td>
<td>9%</td>
</tr>
<tr>
<td>Nenhum</td>
<td>0%</td>
<td>0%</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Dos resultados apresentados poder-se-á concluir que, retirando os valores referentes à zona de elaboração, a estrutura dos mesmos tenderia a ser idêntica em ambos os concelhos: uma maior percentagem de opiniões dizendo que todos os membros participam na gestão dos centros, sendo insignificante a percentagem dos que consideram ser essa participação de "poucos" ou "nem nhuns".

1.4. Funções que atribuem à Direção

As situações propostas para ordenação pelos membros partiam-se por três domínios: gestão material dos centros (instalações, financiamento), relações com os pais e o pessoal (apoio, colaboração, formação) e, finalmente, as voltadas para a dinamização comunitária (palestras, encontros).

No quadro XVIII, apresentamos as pontuações finais para cada grupo, sendo esta pontuação na ordem inversa da importância realmente considerada.
QUADRO XVIII - ORDENAÇÃO DOS TIPOS DE FUNÇÃO QUE ATRIBUEM ÀS DIRECÇÕES

<table>
<thead>
<tr>
<th>AMOSTRA</th>
<th>ALCACER</th>
<th></th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td></td>
<td>Elaboração</td>
<td>Extensão</td>
<td>Global</td>
</tr>
<tr>
<td>Instalações</td>
<td>26(49)</td>
<td>48(39)</td>
<td>74(39)</td>
</tr>
<tr>
<td>País</td>
<td>15(29)</td>
<td>30(19)</td>
<td>45(29)</td>
</tr>
<tr>
<td>Gestão</td>
<td>11(19)</td>
<td>38(29)</td>
<td>49(19)</td>
</tr>
<tr>
<td>Pessoal</td>
<td>24(39)</td>
<td>63(59)</td>
<td>87(59)</td>
</tr>
<tr>
<td>Comunidade</td>
<td>29(59)</td>
<td>53(49)</td>
<td>82(49)</td>
</tr>
</tbody>
</table>

É possível, por um lado, constatar certa constância dos resultados em qualquer das amostras (maior importância das actividades de gestão dos centros e de relacionamento com os pais, e menor importância das actividades típicas de dinamização cultural), e por outro lado, encontrar aspectos algo específicos de cada amostra, eventualmente ligados a problemas próprios da sua existência.

2. AS RELAÇÕES COM O PESSOAL DOS CENTROS

Inclui-se aqui quer a quantidade, quer a qualidade dos contactos entre as direcções e o pessoal, bem como, as opiniões existentes quanto às competências e disponibilidade das educadoras.

2.1. Os contactos entre a direcção e o pessoal

Apenas um membro (amostra de extensão) referiu não haver contactos entre ambos os grupos. Quanto aos assuntos (quadro XIX) eles têm a ver directamente com o funcionamento dos centros (mais de 50%). Os aspectos pedagógicos aparecem em segundo lugar.
QUADRO XIX - ASSUNTOS DOS CONTACTOS ENTRE DIREÇÃO E EDUCADORAS

<table>
<thead>
<tr>
<th>AMOSTRA</th>
<th>ALCACER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>ASSUNTOS</td>
<td>Elaboração</td>
<td>Extensão</td>
</tr>
<tr>
<td>Funcionamento</td>
<td>55%</td>
<td>59%</td>
</tr>
<tr>
<td>Equipamento</td>
<td>18%</td>
<td>0%</td>
</tr>
<tr>
<td>Pedagógicos</td>
<td>0%</td>
<td>24%</td>
</tr>
<tr>
<td>Tratamento das crianças</td>
<td>9%</td>
<td>6%</td>
</tr>
<tr>
<td>Assuntos das Educadoras</td>
<td>18%</td>
<td>11%</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Quanto ao clima desses contactos (quadro XX) os valores apontam de uma forma clara para uma marcada cooperação dos grupos.

QUADRO XX - CLIMA DOS CONTACTOS ENTRE DIREÇÃO E EDUCADORAS

<table>
<thead>
<tr>
<th>AMOSTRA</th>
<th>ALCACER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>CLIMA</td>
<td>Elaboração</td>
<td>Extensão</td>
</tr>
<tr>
<td>Cooperação</td>
<td>89%</td>
<td>70%</td>
</tr>
<tr>
<td>Conflito</td>
<td>11%</td>
<td>30%</td>
</tr>
</tbody>
</table>
2.2. Opinião sobre as educadoras

Um segundo aspecto, aliás associado com o relacionamento com os dois grupos, tem a ver com a opinião dos membros da direção sobre a "qualidade das educadoras, quer quanto à sua competência (responsabilidade, conhecimentos), quer quanto à sua disponibilidade (atendimento de país, trabalho com crianças) - quadro XXI.

QUADRO XXI - OPINIO A RESPEITO DAS EDUCADORAS

<table>
<thead>
<tr>
<th>AMOSTRA</th>
<th>ALCACER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td></td>
<td>Elaboração</td>
<td>Extensão</td>
</tr>
<tr>
<td>Competência</td>
<td>69%</td>
<td>67%</td>
</tr>
<tr>
<td>Disponibilidade</td>
<td>75%</td>
<td>73%</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Considerando que apenas dois membros responderam pela inexistência de qualquer dessas características (um das Caldas e outro de Alcácere - extensão), podemos concluir que a opinião dos membros da direção é bastante favorável, muito embora os valores respeitantes à disponibilidade sejam mais elevados.

Um aspecto complementar parece-nos de levantar na interpretação destes altos valores. Muito embora pontualmente, os membros refiram a necessidade de formação técnica das educadoras e a presença de outros profissionais qualificados, o facto é que, dadas as dificuldades "materiais" dos centros, a formação psicopedagógica das educadoras ou a própria responsabilidade da direção na sua promoção não aparecem fortemente valorizadas (quadro XVIII). Simultaneamente poder-se-ia pensar que havendo ainda uma percentagem elevada de pais que procuram os infantários mais como lugares para guardar/cuidar dos filhos do que para aspectos educativos, os membros poderão ter respondido ao item em questão sem uma grande "implicação".
Apesar de tudo, quer os membros de Alcâcer, quer os das Caldas (estes numa maior percentagem) atribuem primordialmente funções educativas ao pessoal dos centros - quadro XXII.

**QUADRO XXII - FUNÇÕES ATRIBUIDAS AO PESSOAL DOS CENTROS**

<table>
<thead>
<tr>
<th>AMOSTRA</th>
<th>ALCACER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>FUNÇÃO</td>
<td>Elaboração</td>
<td>Extensão</td>
</tr>
<tr>
<td>Guardar</td>
<td>0%</td>
<td>13%</td>
</tr>
<tr>
<td>Cuidar</td>
<td>14%</td>
<td>13%</td>
</tr>
<tr>
<td>Desenvolver</td>
<td>86%</td>
<td>74%</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Ao mesmo tempo, na valorização de quatro funções que os infantários poderiam ter (quadro XXIII) constata-se que as funções ligadas ao desenvolvimento das crianças aparecem colocadas em primeiro lugar (no sentido inverso da pontuação atribuída).

**QUADRO XXIII - FUNÇÕES ATRIBUIDAS AOS CENTROS**

<table>
<thead>
<tr>
<th>AMOSTRA</th>
<th>ALCACER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>FUNÇÃO</td>
<td>Elaboração</td>
<td>Extensão</td>
</tr>
<tr>
<td>Guardar</td>
<td>24 (49)</td>
<td>38 (39)</td>
</tr>
<tr>
<td>Cuidar</td>
<td>19 (29)</td>
<td>25 (29)</td>
</tr>
<tr>
<td>Desenvolver</td>
<td>14 (19)</td>
<td>23 (19)</td>
</tr>
<tr>
<td>Dinamizar</td>
<td>23 (39)</td>
<td>42 (49)</td>
</tr>
</tbody>
</table>
A posição das quatro funções, em termos de importância atribuída, (figura 10) revelam uma certa uniformidade de opiniões a esse respeito nas várias amostras consideradas (1). As funções de "desenvolvimento" surgem como as mais importantes, por oposição às de "guardar" ou de "dinamizar".

(1) Também aqui, o tamanho das "barras" está na razão inversa da importância atribuída.
3- AS RELAÇÕES COM OS PAIS

Apresentamos de seguida os resultados obtidos quanto aos contactos dos pais com as direcções, como estas percepcionam a sua frequência e o tipo de assuntos, bem como as opiniões veiculadas ao nível das direcções quanto à participação dos pais na vida dos centros.

3.1. Comportamento dos pais face às direcções

Apresentaram-se aos membros das direcções quatro situações que poderiam traduzir diferentes tipos de comportamentos por parte dos pais face às direcções dos centros, quadro XXIV.

QUADRO XXIV - OPINIÃO DOS MEMBROS DA DIREÇÃO SOBRE O COMPORTAMENTO DOS PAIS

<table>
<thead>
<tr>
<th>AMOSTRA</th>
<th>ALCACER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td></td>
<td>Elaboração</td>
<td>Extensão</td>
</tr>
<tr>
<td>Colaborante</td>
<td>6%</td>
<td>0%</td>
</tr>
<tr>
<td>Individualismo</td>
<td>35%</td>
<td>42%</td>
</tr>
<tr>
<td>Alheamento</td>
<td>41%</td>
<td>45%</td>
</tr>
<tr>
<td>Conflito</td>
<td>18%</td>
<td>13%</td>
</tr>
</tbody>
</table>

As opiniões expressas mostram que grande parte dos pais (figura 11) se revelam alheios aos problemas dos centros e seu funcionamento, ou tendem a centrar-se demasiado na solução dos seus problemas individuais (individualismo).
Fig. 11 - Comportamento dos pais

Os valores parecem indicar alguma diferença entre o grupo de Alcâncer e o grupo de comparação das Caldas, o que parece vir de encontro aos dados apresentados nos quadros XIII e XXV.

QUADRO XXV - DIFICULDADES COM OS PAIS: EM PERCENTAGEM NO CONJUNTO DAS DIFICULDADES NOS MOMENTOS INICIAL E DA AVALIAÇÃO

<table>
<thead>
<tr>
<th>AMOSTRA</th>
<th>ALCÁCER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td></td>
<td>Elaboração</td>
<td>Extensão</td>
</tr>
<tr>
<td>Inicial</td>
<td>17%</td>
<td>17%</td>
</tr>
<tr>
<td>&quot;Actual&quot;</td>
<td>14%</td>
<td>18%</td>
</tr>
</tbody>
</table>
3.2. Contacto dos pais com as direcções

Os elementos recolhidos referem a frequência, a quantidade de pais, o local e os assuntos dos contactos que os pais mantêm com as direcções ou os seus membros (quadros XXVI, XXVII e XXVIII).

QUADRO XXVI – FREQUÊNCIA DOS CONTACTOS DOS PAIS COM A DIREÇÃO E NÚMERO EFECTIVO DE PAIS

<table>
<thead>
<tr>
<th>AMOSTRA</th>
<th>NÚMERO DE VEZES</th>
<th>NÚMERO DE PAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Muitas</td>
<td>Poucas</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Bastantes</td>
<td>Nenhumas</td>
</tr>
<tr>
<td>ELABORAÇÃO</td>
<td>0%</td>
<td>100%</td>
</tr>
<tr>
<td>EXTENSÃO</td>
<td>0%</td>
<td>100%</td>
</tr>
<tr>
<td>GLOBAL</td>
<td>0%</td>
<td>100%</td>
</tr>
<tr>
<td>CALDAS</td>
<td>16%</td>
<td>84%</td>
</tr>
</tbody>
</table>

QUADRO XXVII – LOCAIS DE ENCONTRO DOS PAIS COM A DIREÇÃO OU OS SEUS MEMBROS

<table>
<thead>
<tr>
<th>AMOSTRA</th>
<th>ALCÁCER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td></td>
<td>Elaboração</td>
<td>Extensão</td>
</tr>
<tr>
<td>LOCAL</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Trabalho</td>
<td>25%</td>
<td>17%</td>
</tr>
<tr>
<td>Café e Rua</td>
<td>25%</td>
<td>11%</td>
</tr>
<tr>
<td>Casa</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Infantário</td>
<td>50%</td>
<td>72%</td>
</tr>
</tbody>
</table>
QUADRO XXVIII - ASSUNTOS DOS CONTACTOS DOS PAIS COM A DIREÇÃO

<table>
<thead>
<tr>
<th>AMOSTRA</th>
<th>ALCACER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>ASSUNTO</td>
<td>Elaboração</td>
<td>Extensão</td>
</tr>
<tr>
<td>Mensalidade</td>
<td>17%</td>
<td>19%</td>
</tr>
<tr>
<td>Funcionamento</td>
<td>42%</td>
<td>19%</td>
</tr>
<tr>
<td>Problemas pessoais</td>
<td>24%</td>
<td>14%</td>
</tr>
<tr>
<td>Alimentação</td>
<td>17%</td>
<td>29%</td>
</tr>
<tr>
<td>Educação</td>
<td>0%</td>
<td>5%</td>
</tr>
<tr>
<td>Colaboração (dêdivas)</td>
<td>0%</td>
<td>14%</td>
</tr>
<tr>
<td>Comportamento criança</td>
<td>0%</td>
<td>0%</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Quanto ao primeiro quadro depreende-se a pouca frequência dos contactos estabelecidos, bem como também a sua efectivação por um número reduzido de pais (esta situação parece mais evidente na amostra de Alcâcer).

No que respeita ao local, pode-se concluir que o infantário aparece como o procurado para o maior número desses contactos, embora estejam aqui incluídas as reuniões de pais que, pelos dados que temos, são no infantário.

Quanto aos assuntos tratados, os aspectos ligados às mensalidades, horas de funcionamento e tratamento das crianças aparecem num maior número de vezes.

Estes elementos parecem justificar as opiniões dos membros das Direcções quanto à participação dos pais na vida dos centros e sua direcção (quadro XXV), bem como o atribuír-lhes um peso importante no conjunto dos problemas existentes nos infantários ao nível do concelho (quadro XXIX), nomeadamente na amostra de Alcâcer.
QUADRO XXIX - IMPORTÂNCIA DA POUCO IMPLICAÇÃO DOS PAIS NOS PROBLEMAS EXISTENTES NOS CENTROS DO CONCELHO

<table>
<thead>
<tr>
<th>ALCÂÇER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>ELABORAÇÃO</td>
<td>22%</td>
</tr>
<tr>
<td>EXTENÇÃO</td>
<td>24%</td>
</tr>
<tr>
<td>GLOBAL</td>
<td>23%</td>
</tr>
</tbody>
</table>

4- INserção comunitária dos centros

Incluir-se-ia neste ponto os aspectos ligados à dinamização comunitária levada a cabo pelos infantários, bem como a sua articulação a nível do concelho. No entanto, não entram ainda neste relatório os elementos provenientes do "registo de acontecimentos" (1).

4.1. Conhecimento dos problemas existentes nos infantários do concelho e dâdiva de sugestões para a sua solução

Quatro membros do concelho de Alcâcer (2 por zona) não responderam à questão, o que pode ser sinal de desconhecimento.

Os dados recolhidos, e que intencionalmente não agrupamos (quadro XXX), parecem bastante de acordo com o levantamento, centro por centro, e apresentado anteriormente (quadros XV e XVI).

(1) Como afirmado anteriormente, embora reconhecendo a sua importância considerável na avaliação deste ponto, as características "longitudinais" da observação ligadas a este instrumento levam-nos a não incluir ainda os elementos recolhidos.
<table>
<thead>
<tr>
<th>AMOSTRA</th>
<th>ALCÁCER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>PROBLEMAS</td>
<td>Elaboração</td>
<td>Extensão</td>
</tr>
<tr>
<td>Verbas</td>
<td>33%</td>
<td>38%</td>
</tr>
<tr>
<td>Equipamento</td>
<td>22%</td>
<td>0%</td>
</tr>
<tr>
<td>Não implantação ou não organização da Direção</td>
<td>0%</td>
<td>5%</td>
</tr>
<tr>
<td>Falta pessoal formação ou guia formação</td>
<td>0%</td>
<td>9%</td>
</tr>
<tr>
<td>Não implantação dos pais e comunidade</td>
<td>22%</td>
<td>24%</td>
</tr>
<tr>
<td>Relação c/ pessoal</td>
<td>5%</td>
<td>0%</td>
</tr>
<tr>
<td>Não interligação dos Infantários</td>
<td>6%</td>
<td>10%</td>
</tr>
<tr>
<td>Falta pessoal especializado (psicólogo, médico...)</td>
<td>0%</td>
<td>5%</td>
</tr>
<tr>
<td>Pouca assiduidade das crianças</td>
<td>11%</td>
<td>9%</td>
</tr>
</tbody>
</table>
Como anteriormente, as condições materiais dos centros (instalações, verbas e equipamento) e a pouca participação dos pais, nomeadamente em Alcâcer, aparecem altamente referidos pelos membros das direcções. Aliás, esta uniformização de problemas ou o facto de se tratar de problemas comuns a todos os centros poderá contrariar o objectivo do item (grau de conhecimento possuído dos problemas dos infartários ao nível do concelho) e reduzir o seu poder discriminativo. O mesmo comentário é extensivo às sugestões apontadas para solução dos problemas (quadro XXXI), embora aqui, dez membros de Alcâcer, ou seja 42%, não deram qualquer resposta (8 da zona de extensão) assim como, dois do concelho das Caldas.

### QUADRO XXXI - SUGESTÕES LEVANTADAS PARA A RESOLUÇÃO DOS PROBLEMAS DOS INFANTÁRIOS, AO NÍVEL DO CONCELHO:

<table>
<thead>
<tr>
<th>ANOSTRA SUGESTÃO</th>
<th>ALCACER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td></td>
<td>Elaboração</td>
<td>Extensão</td>
</tr>
<tr>
<td>Mais subsídios</td>
<td>42%</td>
<td>12%</td>
</tr>
<tr>
<td>Novas instalações</td>
<td>17%</td>
<td>11%</td>
</tr>
<tr>
<td>Implicação das Direcções</td>
<td>0%</td>
<td>0%</td>
</tr>
<tr>
<td>Reuniões de pais</td>
<td>33%</td>
<td>11%</td>
</tr>
<tr>
<td>Formação de pessoal</td>
<td>8%</td>
<td>11%</td>
</tr>
<tr>
<td>Colaboração das autarquias e governo</td>
<td>0%</td>
<td>11%</td>
</tr>
<tr>
<td>Organização conjunta dos infantários</td>
<td>0%</td>
<td>11%</td>
</tr>
<tr>
<td>Outros (exame de apoio à resolução de projectos Alcacer)</td>
<td>0%</td>
<td>33%</td>
</tr>
</tbody>
</table>
Simultaneamente, quanto ao apoio que os infantários podem receber do Centro Regional de Segurança Social, verificamos que uma alta taxa de membros não deu qualquer resposta (quadro XXXII), o que interpretamos como desconhecimento.

QUADRO XXXII - FUNÇÃO DO CRSS JUNTO DOS INFANTÁRIOS, NA OPINIÃO DAS DIREÇÕES

<table>
<thead>
<tr>
<th>AMOSTRA</th>
<th>ALCÁCER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td></td>
<td>Elaboração</td>
<td>Extensão</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>Financeiro</strong></td>
<td>22%</td>
<td>41%</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>Administrativo</strong></td>
<td>11%</td>
<td>13%</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>Formação técnica</strong></td>
<td>-</td>
<td>17%</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>Formação educativa</strong></td>
<td>-</td>
<td>12%</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>Desconhecimento</strong></td>
<td>67%</td>
<td>17%</td>
</tr>
</tbody>
</table>

4.2. Papel dos pais e da comunidade na gestão dos centros

Finalmente, alguns elementos sobre o papel de vários agentes possuem na gestão dos centros (quadro XXXIII).
QUADRO XXXIII - OPINIÃO DOS MEMBROS SOBRE A QUEM COMPETE A DIRECÇÃO DOS INFANTÁRIOS

<table>
<thead>
<tr>
<th>AMOSTRA</th>
<th>ALCÁCER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>GRUPO</td>
<td>Elaboração</td>
<td>Extensão</td>
</tr>
<tr>
<td>País</td>
<td>9(19)</td>
<td>20(19)</td>
</tr>
<tr>
<td>Educadoras</td>
<td>16(29)</td>
<td>32(39)</td>
</tr>
<tr>
<td>Junta Freguesia</td>
<td>26(49)</td>
<td>47(49)</td>
</tr>
<tr>
<td>Pessoas dinâmicas</td>
<td>19(39)</td>
<td>31(29)</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Em qualquer das amostras os pais aparecem como os mais "votados" para a ocupação dessas funções, aparecendo em lugar oposto os órgãos autárquicos (refira-se os elementos do concelho das Caldas onde o lugar atribuído às educadoras pode ser mais um elemento informativo das dificuldades/tensoes existentes entre direcções e pessoal, e onde os pais aparecem em segundo lugar, embora muito próximo da pontuação atribuída a "pessoas dinâmicas" da comunidade).

A concluir, a pontuação atribuída aos órgãos autárquicos na gestão dos centros parece querer significar a vontade de afirmação da especificidade dos dois tipos de serviços, sem significar asência de cooperação (quadro XXXI), sendo a progressiva consciencialização do papel dos pais e comunidade na gestão dos centros o melhor garante da continuidade do projecto para além do período de tempo da sua existência.
RESULTADOS DO PRÉ-TESTE JUNTO DOS PAIS
INTRODUÇÃO

A avaliação realizada junto dos pais permite situá-los quanto aos seus conhecimentos, atitudes e práticas, em relação aos aspectos definidos no primeiro relatório.

O questionário foi aplicado a mães exclusivamente, por razões tabêm já apresentadas. A amostra a considerar ao longo da apresentação dos resultados: grupo experimental (Alcâcer, nas suas zonas de elaboração e extensão) e grupo de comparação (Caldas da Rainha) aparece no quadro XXXIV.

Na leitura dos resultados convém ressaltar que o esforço de sistematização de variáveis será a cada momento questionado dada a sua interdependência. Será sempre difícil separar os aspectos referentes à situação familiar, no que respeita à dimensão educativa dos filhos, das concepções e posições que os mesmos pais tomam em relação aos centros e instituições educativas, ou ainda de ambos em relação às suas atitudes e opiniões quanto ao próprio desenvolvimento das crianças desta idade e sua educação.

QUADRO XXXIV - AMOSTRA DAS MÃES ENTREVISTADAS

<table>
<thead>
<tr>
<th>ALCÂKER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>ELABORAÇÃO</td>
<td>EXTENSÃO</td>
</tr>
<tr>
<td>17</td>
<td>24</td>
</tr>
</tbody>
</table>

* indica mudança no método de classificação.
1. **PRÁTICA EDUCATIVA FAMILIAR**

Um dos objectivos do projecto prende-se com a ajuda aos pais na sua prática educativa. Os resultados permitem ver o estado "inicial" (conhecimentos, opiniões, atitudes e práticas) a este respeito.

1.1. **Contactos mantidos com a criança, sua frequência e intencionalização**

Os contactos mantidos com a criança aparecem amplamente praticados pela mãe (quadro XXXV) e pelo pai (quadro XXXVI, à frente), muito embora esta alta frequência não seja acompanhada por uma alta intencionalização (quadro XXXVI).

**QUADRO XXXV - FREQUÊNCIA DAS MÃES QUE DEDICAM UM TEMPO DIÁRIO PARA CONVERSAS COM OS FILHOS.**

<table>
<thead>
<tr>
<th>AMOSTRA</th>
<th>Todos os dias</th>
<th>Alguns dias</th>
<th>Sem contactos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>ELABORAÇÃO</td>
<td>12 (71%)</td>
<td>3 (18%)</td>
<td>2 (12%)</td>
</tr>
<tr>
<td>EXTENSÃO</td>
<td>17 (71%)</td>
<td>5 (21%)</td>
<td>2 (8%)</td>
</tr>
<tr>
<td>GLOBAL</td>
<td>29 (71%)</td>
<td>8 (19%)</td>
<td>4 (10%)</td>
</tr>
<tr>
<td>CALDAS</td>
<td>17 (74%)</td>
<td>5 (22%)</td>
<td>1 (4%)</td>
</tr>
</tbody>
</table>

**QUADRO XXXVI - RAZÕES APONTADAS PARA A DEDICAÇÃO À CRIANÇA DE UM TEMPO DIÁRIO**

<table>
<thead>
<tr>
<th>RAZÕES</th>
<th>ALCÁCER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Sossegar/ Entreter</td>
<td>6 (29%)</td>
<td>7 (26%)</td>
</tr>
<tr>
<td>Ensinar coisas novas</td>
<td>9 (43%)</td>
<td>7 (26%)</td>
</tr>
<tr>
<td>Dar atenção</td>
<td>3 (14%)</td>
<td>6 (14%)</td>
</tr>
<tr>
<td>Desenvolver mais</td>
<td>3 (14%)</td>
<td>2 (10%)</td>
</tr>
</tbody>
</table>
As razões dadas para este não contacto diário prendem-se com a falta de tempo, havendo ainda uma mãe (zona de extensão) que para a não realização alegue o facto de a criança não ser ainda capaz de entender as conversas.

Das razões apontadas para a realização desses contactos, podemos inferir que uma percentagem de respostas carece de qualquer intencionalização. Esta parece-nos associada às três últimas do quadro anterior (ensinar, dar atenção, desenvolver mais) e, é mais frequente nas mães do Concelho das Caldas.

Outros elementos permitem-nos tirar ilações quanto ao grau de intencionalização das relações e actividades mãe/criança. Por exemplo, no quadro XXXVII aparecem os comportamentos das mães face às rotinas diárias dos filhos. A maior parte das mães ajudam as crianças na realização dessas tarefas sendo as razões apontadas muito próximas daquilo que poderíamos designar por com

QUADRO XXXVII - PARTICIPAÇÃO DA MÃE NAS ROTINAS DIÁRIAS DA CRIANÇA

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO</th>
<th>ALCÁCER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td></td>
<td>Elaboração</td>
<td>Extensão</td>
</tr>
<tr>
<td>Substituição</td>
<td>1 (7%)</td>
<td>7 (30%)</td>
</tr>
<tr>
<td>Ajuda</td>
<td>11 (73%)</td>
<td>12 (52%)</td>
</tr>
<tr>
<td>Ensino</td>
<td>2 (13%)</td>
<td>2 (9%)</td>
</tr>
<tr>
<td>Deixar fazer</td>
<td>1 (7%)</td>
<td>2 (9%)</td>
</tr>
</tbody>
</table>
portamentos de "substituição" (ou seja, a mãe realiza integralmente a tarefa - ex. lavar, vestir, comer, etc). Uma pequena percentagem refere ainda deixar a criança realizar as tarefas pois estas são já capazes de o fazer.

Podemos agrupar as razões que as mães apresentam para o seu comportamento de ajuda ou substituição nas que se prendem com a incapacidade da criança (muito pequena, não pode, não sabe) e ainda nas que se referem, mais directamente, a objectivos pedagógicos (indicar ou mostrar como se faz, habitar a criança) - quadro XXXVIII.

**QUADRO XXXVIII - RAZÕES REFERIDAS PARA A "SUBSTITUIÇÃO" DA CRIANÇA**

<table>
<thead>
<tr>
<th>Zona</th>
<th>ALCÁCER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td></td>
<td>Elaboração</td>
<td>Extensão</td>
</tr>
<tr>
<td>Incapacidade</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>6 (38%)</td>
<td>13 (75%)</td>
</tr>
<tr>
<td>Ensino</td>
<td>10 (62%)</td>
<td>6 (25%)</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Da leitura dos resultados podemos concluir que a maior percentagem das mães atribui esse seu comportamento às limitações da própria criança, aparecendo a intencionalização dessa actividade numa menor frequência.

Uma questão paralela tem a ver com a solicitação de ajuda da criança para a realização de pequenas actividades domésticas, quadro XXXIX.

**QUADRO XXXIX - MÃES QUE PROCURAM OU NÃO A AJUDA DA CRIANÇA**

<table>
<thead>
<tr>
<th>Zona</th>
<th>ALCÁCER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td></td>
<td>Elaboração</td>
<td>Extensão</td>
</tr>
<tr>
<td>SIM</td>
<td>88%</td>
<td>88%</td>
</tr>
<tr>
<td>NÃO</td>
<td>12%</td>
<td>12%</td>
</tr>
</tbody>
</table>
Decididamente o número de mães que procuram a colaboração da criança é superior, muito embora, também aqui, a intencionalização educativa desta actividade não seja tão uniforme e evidente, como se depreende aliás das razões dadas para os pedidos de ajuda, quadro XL.

QUADRO XL – RAZÕES APONTADAS PARA A PROCURA DA AJUDA DAS CRIANÇAS

<table>
<thead>
<tr>
<th>Razão</th>
<th>ALCÁCER Elaboração</th>
<th>ALCÁCER Extensão</th>
<th>ALCÁCER Global</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Aprender</td>
<td>9(56%)</td>
<td>9(35%)</td>
<td>18(43%)</td>
<td>10(40%)</td>
</tr>
<tr>
<td>Ajudar a mãe</td>
<td>4(25%)</td>
<td>9(35%)</td>
<td>13(32%)</td>
<td>6(24%)</td>
</tr>
<tr>
<td>Desenvolver</td>
<td>-</td>
<td>2(8%)</td>
<td>2(5%)</td>
<td>2(8%)</td>
</tr>
<tr>
<td>A criança gosta</td>
<td>3(19%)</td>
<td>6(23%)</td>
<td>9(22%)</td>
<td>7(28%)</td>
</tr>
</tbody>
</table>

As razões apontadas para a não solicitação dessa ajuda têm a ver com as limitações da criança (é pequena, não sabe) ou para evitar que se venha a magoar ou parta coisas.

1.2. Contactos do pai com a criança. Sua participação nas tarefas educativas

Quanto à participação do pai em actividades com a criança, a situação é muito similar: uma grande percentagem efectua de facto esses contactos, embora não se assista à sua efectiva intencionalização educativa, quadro XLI.
QUADRO XLI – RAZÕES DA PARTICIPAÇÃO DO PAI NAS ACTIVIDADES EDUCATIVAS DA CRIANÇA

<table>
<thead>
<tr>
<th>Zona</th>
<th>ALCÁCER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td></td>
<td>Elaboração</td>
<td>Extensão</td>
</tr>
<tr>
<td>A criança solicita</td>
<td>1(5%)</td>
<td>1(4%)</td>
</tr>
<tr>
<td>O pai gosta da filha</td>
<td>12(63%)</td>
<td>13(52%)</td>
</tr>
<tr>
<td>Ensinar coisas</td>
<td>4(21%)</td>
<td>6(24%)</td>
</tr>
<tr>
<td>Desenvolver a criança</td>
<td>1(5%)</td>
<td>3(12%)</td>
</tr>
<tr>
<td>Outros</td>
<td>1(5%)</td>
<td>2(8%)</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Dos resultados pode concluir-se que apenas uma pequena percentagem exterioriza no seu discurso ser a promoção do desenvolvimento a razão das actividades com o filho.

Finalmente, na amostra das Caldas aparecem duas mães a referir a não participação dos maridos nessas actividades, adiantando como razão a falta de tempo.

1.3. Atribuição da responsabilidade educativa dos filhos

As mães inquiridas tendem a situar esta responsabilidade no casal, havendo apenas um número reduzido (superior no Concelho de Alcâcer) que atribuem unicamente à mãe ou então à educadora, quadro XLII..
QUADRO XLII - A QUEM ATRIBUI A RESPONSABILIDADE EDUCATIVA DOS FILHOS

<table>
<thead>
<tr>
<th>Zona</th>
<th>ALCÁCER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td></td>
<td>Elaboração</td>
<td>Extensão</td>
</tr>
<tr>
<td>Ambos os pais</td>
<td>94%</td>
<td>75%</td>
</tr>
<tr>
<td>Mãe</td>
<td>6%</td>
<td>17%</td>
</tr>
<tr>
<td>Educadora</td>
<td>-</td>
<td>8%</td>
</tr>
</tbody>
</table>

1.4. Concepção do desenvolvimento e da educação das crianças nesta idade (2 aos 6 anos)

A ausência de uma intencionalização educativa nas suas actividades e relações com os filhos pode associar-se uma percentagem considerável de mães com ideias "negativistas" sobre o desenvolvimento das crianças nessa idade (a criança precisa de castigos, tendência para fazer asneiras) ou, ainda, com ideias de tipo "naturalista" (a criança evolui por si, sem necessidade de cuidados). Estes dois tipos de atitudes são mais frequentes na amostra de Alcácér (gráfico 12), onde reunem cerca de 50% das respostas, quadro XLIII.

QUADRO XLIII - OPINIÃO SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA DOS 2 AOS 6 ANOS

<table>
<thead>
<tr>
<th>AMOSTRA</th>
<th>ALCÁCER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td></td>
<td>Elaboração</td>
<td>Extensão</td>
</tr>
<tr>
<td>Negativista</td>
<td>23%</td>
<td>26%</td>
</tr>
<tr>
<td>Naturalista</td>
<td>27%</td>
<td>30%</td>
</tr>
<tr>
<td>Compreensivo</td>
<td>50%</td>
<td>44%</td>
</tr>
</tbody>
</table>
Fig. 12 – Atitudes dos pais sobre o desenvolvimento das crianças dos 2 aos 6 anos.

1.5. Valorização dos trabalhos feitos no infantário

Finalmente, e antecipando as considerações que os pais referem em relação aos infantários, apresentamos os resultados referentes às atitudes dos pais face aos trabalhos que as crianças realizam nos infantários e trazem para casa, quadro XLIV.

Como facilmente se visualiza, também aqui predominam os comportamentos de tipo "passivo" (ver, guardar). Apenas uma mãe em Alcácer (zona de extensão) e duas das Caldas, referem analisar o trabalho com a criança.
QUADRO XLIV - COMPORTAMENTO DOS PAIS FACE AOS TRABALHOS REALIZADOS PELAS CRIANÇAS NOS CENTROS

<table>
<thead>
<tr>
<th>AMOSTRA</th>
<th>ALCÂCER</th>
<th>CALÇAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>COMPORTAMENTO</td>
<td>ELABORAÇÃO</td>
<td>EXTENSÃO</td>
</tr>
<tr>
<td>VÊM</td>
<td>41%</td>
<td>32%</td>
</tr>
<tr>
<td>GUARDAM</td>
<td>41%</td>
<td>34%</td>
</tr>
<tr>
<td>ELOGIAM</td>
<td>20%</td>
<td>17%</td>
</tr>
<tr>
<td>PENDURAM NO QUAR</td>
<td>-</td>
<td>4%</td>
</tr>
<tr>
<td>OUTROS</td>
<td>2%</td>
<td>2%</td>
</tr>
<tr>
<td>NUNCA TROUXE</td>
<td>-</td>
<td>11%</td>
</tr>
</tbody>
</table>

2- ATITUDES, IMAGENS E OPINIÕES EM RELAÇÃO AOS CENTROS

Uma outra preocupação do projecto, na orientação da sua intervenção, prende-se directamente com as concepções e relacionamento dos pais com os infantários (função atribuída aos centros, contactos com o pessoal, receptividade à colaboração na vida dos centros).

2.1. Funções e actividades valorizadas

Usualmente os infantários caracterizam-se por um conjunto de funções que vão desde o guardar/cuidar das crianças até ao dinamizar dos pais e da comunidade. Pusemos essas funções à consideração dos pais, para que atribuíssem uma valorização de 1 a 3 pontos conforme a importância atribuída (quanto menor o valor, menor a importância). Os resultados médios obtidos são apresentados no quadro XL.
QUADRO XII - VALORIZAÇÃO DAS VÁRIAS FUNÇÕES

<table>
<thead>
<tr>
<th>AMOSTRA</th>
<th>FUNÇÃO</th>
<th>ALCÁCER</th>
<th></th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td></td>
<td>Elaboração</td>
<td>Extensão</td>
<td>Global</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Guardar</td>
<td>2.1</td>
<td>2.0</td>
<td>2.1</td>
<td>1.5</td>
</tr>
<tr>
<td>Desenvolver</td>
<td>2.2</td>
<td>2.3</td>
<td>2.2</td>
<td>2.6</td>
</tr>
<tr>
<td>Dinamizar</td>
<td>1.7</td>
<td>1.7</td>
<td>1.7</td>
<td>1.9</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Os valores contrastam os dois Concelhos em comparação: em ALCÁCER as funções de guardar/cuidar aparecem sobrevalorizadas em relação às de dinamização, o que não se verifica nas CALDAS (figura 13).

Fig. 13 - Importância das várias funções atribuídas aos centros
Quanto às actividades que as crianças podem eventualmente desenvolver nos infantários, agrupamo-las em:

1a Escolares — escrever o nome, conhecer as letras e efectuar pequenas contas;
2ª De desenvolvimento — juntar cubos, falar com a educadora, zelar por objectos;
3a De segurança — estar calada, estar separada das outras, estar sentada para não se magoar.

Os resultados da sua valorização pelos pais aparecem no seguinte quadro XLVI.

**QUADRO XLVI— VALORIZAÇÃO DE VÁRIAS ACTIVIDADES**

<table>
<thead>
<tr>
<th>AMOSTRA</th>
<th>ALCÁCER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td></td>
<td>Elaboração</td>
<td>Extensão</td>
</tr>
<tr>
<td>Escolares</td>
<td>2.2</td>
<td>2.2</td>
</tr>
<tr>
<td>Desenvolvimento</td>
<td>2.5</td>
<td>2.3</td>
</tr>
<tr>
<td>&quot;Segurança&quot;</td>
<td>1.3</td>
<td>1.5</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Em qualquer das amostras aparece uma maior valorização das actividades de "desenvolvimento" sobre as de "segurança".

2.2. Ida das crianças para os centros: razões e preferências

Na continuação do ponto anterior apresentamos no quadro XLVII as razões que presidiram ao envio das crianças para os infantários.

**QUADRO XLVII — RAZÕES DA COLOCAÇÃO DOS FILHOS NOS CENTROS**

<table>
<thead>
<tr>
<th>AMOSTRA</th>
<th>ALCÁCER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td></td>
<td>ELABORAÇÃO</td>
<td>EXTENSÃO</td>
</tr>
<tr>
<td>Desenvolvimento</td>
<td>50%</td>
<td>33%</td>
</tr>
<tr>
<td>Segurança</td>
<td>50%</td>
<td>67%</td>
</tr>
</tbody>
</table>
As respostas dos pais foram agrupadas em dois tipos, consoante expressaram preocupações de cariz educativo ou de desenvolvimento da criança ou assentuavam a componente de segurança da criança, directamente ligada ao trabalho de ambos os pais.

Os resultados encontrados permitem concluir que uma percentagem considerável dos pais vêm os infantários mais como locais para "guardar/cuidar" em segurança das crianças, do que para funções educativas. Esta constatação é mais claramente visível na amostra do concelho de Alcácer, visto nas Caldas serem nitidamente as razões de circuit educativa apontadas.

Esta ilação repete-se na interpretação dos dados respeitantes à idade ou não das crianças para os centros quando um dos pais está em casa (quadro XLVIII).

QUADRO XLVIII - FREQUÊNCIA DO CENTRO PELA CRIANÇA QUANDO UM DOS PAIS NÃO VAI TRABALHAR

<table>
<thead>
<tr>
<th>AMOSTRA</th>
<th>ALCÁCER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>FREQUÊNCIA</td>
<td>ELABORAÇÃO</td>
<td>EXTENSÃO</td>
</tr>
<tr>
<td>VAI SEMPRE</td>
<td>71%</td>
<td>58%</td>
</tr>
<tr>
<td>VAI ÀS VEZES</td>
<td>-</td>
<td>13%</td>
</tr>
<tr>
<td>NUNCA VAI</td>
<td>29%</td>
<td>29%</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Em Alcácer, em comparação com as Caldas, verifica-se uma maior percentagem de crianças a ficar em casa em situações nas quais um dos pais não vai trabalhar (quase 37%).

3- IMPLICAÇÃO DOS PAIS NAS TAREFAS DA COMUNIDADE

Procura-se aqui constatar da responsabilização dos pais na vida dos centros, nomeadamente pela participação na gestão e presença em encontros ou reuniões.
3.1. Vontade dos pais em assumir as funções da direcção dos centros

As mães foram interrogadas quanto à hipótese, de elas próprias ou os seus maridos virem a participar, eventualmente, na gestão dos centros, (quadro XLIX).

QUADRO XLIX – DISPONIBILIDADE PARA ASSUMIREM AS FUNÇÕES DA DIRECÇÃO DOS CENTROS POR PARTE DOS PAIS

<table>
<thead>
<tr>
<th>QUEM</th>
<th>amostra resposta</th>
<th>ALCÂCER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>ELABORAÇÃO</td>
<td>EXTENSÃO</td>
</tr>
<tr>
<td>mãe</td>
<td>SIM</td>
<td>29%</td>
<td>46%</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Não</td>
<td>65%</td>
<td>46%</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>TALVEZ</td>
<td>6%</td>
<td>8%</td>
</tr>
<tr>
<td>pai</td>
<td>SIM</td>
<td>24%</td>
<td>30%</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Não</td>
<td>59%</td>
<td>61%</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>TALVEZ</td>
<td>17%</td>
<td>9%</td>
</tr>
<tr>
<td>ambos os pais</td>
<td>SIM</td>
<td>26%</td>
<td>38%</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Não</td>
<td>62%</td>
<td>53%</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>TALVEZ</td>
<td>12%</td>
<td>9%</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Predominam as respostas negativas, podendo ser interessante referir que as mães aparecem como sendo as mais disponíveis para essas actividades qualquer que seja a amostra.

Simultaneamente recolheu-se a opinião das mães quanto ao tipo de pessoas que deveriam dirigir os centros: pais, juntas de freguesia, educadoras ou pessoas dinâmicas da comunidade (quadro L).
QUADRO L – A QUEM CABE A DIRECÇÃO DOS INFANTÁRIOS NA OPINIÃO DOS PAIS

<table>
<thead>
<tr>
<th>AMOSTRA</th>
<th>ALCÂCER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>&quot;PESSOAS&quot;</td>
<td>ELABORAÇÃO</td>
<td>EXTENSÃO</td>
</tr>
<tr>
<td>PAIS</td>
<td>1,7</td>
<td>1,9</td>
</tr>
<tr>
<td>JUNTA/CÂMAR.</td>
<td>2,5</td>
<td>2,8</td>
</tr>
<tr>
<td>EDUCADORAS</td>
<td>2,0</td>
<td>2,0</td>
</tr>
<tr>
<td>PES. DINÂNI.</td>
<td>3,8</td>
<td>3,3</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Como se depreende os "pais" aparecem como o grupo mais escolhido para as funções directivas dos centros, muito embora com valores próximos aos das "educadoras". Este grupo, no que respeita à amostra das Caldas, é mesmo colocado em primeiro lugar.

Numa aproximação destes valores com os obtidos à mesma questão por parte dos membros das Direcções (quadro XXXIII), sem de algum modo pretender interpretar resultados, verificamos certa concordância na ordenação dos grupos. A maior discrepância situa-se nos resultados das amostras das Caldas e diz respeito, muito concretamente, ao grupo das "educadoras" (os pais colocam-nas em primeiro lugar, enquanto as direcções as situam na última posição).
3.2. Contacto dos pais com as direcções. Assuntos tratados

Em primeiro lugar, e quanto à frequência dos contactos havidos com a direcção ou com um dos seus membros enquanto tal, os resultados aparecem descritos no quadro LI.

QUADRO LI - CONTACTOS DOS PAIS COM AS DIRECÇÕES

<table>
<thead>
<tr>
<th>Amostra</th>
<th>ALCÁCER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td></td>
<td>ELABORAÇÃO</td>
<td>EXTENSÃO</td>
</tr>
<tr>
<td>Frequentemente</td>
<td>24%</td>
<td>4%</td>
</tr>
<tr>
<td>Às vezes</td>
<td>24%</td>
<td>13%</td>
</tr>
<tr>
<td>Raramente</td>
<td>18%</td>
<td>46%</td>
</tr>
<tr>
<td>Não contactam</td>
<td>34%</td>
<td>37%</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Tomadas as duas primeiras e as duas ultimas colunas verificamos que a grande maioria dos pais (71% contra 29% em Alcácer, e 61% contra 39% nas Caldas) não efectua esses contactos ou então, se o faz, só muito raramente.

Quanto aos assuntos tratados, estes dizem respeito, em primeiro lugar, às mensalidades ou cotizações, e seguidamente, aos aspectos ligados com o tratamento das crianças (alimentação, passagens) e funcionamento dos infantários (legislação, instalações, dificuldades) – ver quadro LII.
QUADRO LII - ASSUNTOS NOS CONTACTOS DOS PAIS COM AS DIREÇOES

<table>
<thead>
<tr>
<th>AMOSTRA</th>
<th>ALCACER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>ASSUNTOS</td>
<td>Elaboração</td>
<td>Extensão</td>
</tr>
<tr>
<td>FUNCIONAMENTO</td>
<td>14%</td>
<td>25%</td>
</tr>
<tr>
<td>CUIDADOS</td>
<td>14%</td>
<td>25%</td>
</tr>
<tr>
<td>C/ CRIANÇAS</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>MENSALIDA</td>
<td>72%</td>
<td>50%</td>
</tr>
<tr>
<td>DES E QUOTAS</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
</tbody>
</table>

Seria interessante fazer-se aqui um paralelo entre aquilo que os pais e os membros da direcção sobre o mesmo assunto (veja-se o quadro XXIV). Ao mesmo tempo as direcções sentem os pais como desinteressados da vida dos centros ou, quanta muito, apenas interessados na resolução dos seus problemas individuais.

Para a inexistência de contactos os pais invocam, fundamentalmente, a ausência da sua necessidade (quadro LIII).

QUADRO LIII - RAZÕES APONTADAS PARA A NÃO EXISTÊNCIA DE CONTACTOS ENTRE OS PAIS E A DIREÇÃO

<table>
<thead>
<tr>
<th>AMOSTRA</th>
<th>ALCACER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>RAZÕES</td>
<td>ELABORAÇÃO</td>
<td>EXTENSÃO</td>
</tr>
<tr>
<td>SEM NECESSIDADE</td>
<td>43%</td>
<td>57%</td>
</tr>
<tr>
<td>FALTA DE TEMPO</td>
<td>29%</td>
<td>14%</td>
</tr>
<tr>
<td>SEM TRANSPORTE</td>
<td>28%</td>
<td>14%</td>
</tr>
<tr>
<td>OUTRAS</td>
<td>-</td>
<td>15%</td>
</tr>
</tbody>
</table>
4- RELACIONAMENTO COM O PESSOAL DOS CENTROS

Procurou-se conhecer por um lado as opiniões que os pais têm em relação às qualidades profissionais das educadoras dos filhos e, simultaneamente, ver a frequência dos contactos mantidos bem como os assuntos versados nestes contactos.

4.1. Opinião em relação às educadoras

Os elementos apresentados às mães para resposta agrupam-se em dois domínios: competência no desempenho das suas funções e disponibilidade dos seus contactos e relações. Os valores encontrados são de facto tão elevados que receamos não os poder tomar de modo absoluto, questionando-nos acerca do próprio valor discriminativo do item apresentado (quadro LIV).

QUADRO LIV - OPINIÃO DOS PAIS EM RELAÇÃO ÀS EDUCADORAS DOS FILHOS

<table>
<thead>
<tr>
<th>AMOSTRA</th>
<th>ALCACER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td></td>
<td>Elaboração</td>
<td>Extensão</td>
</tr>
<tr>
<td>Competência</td>
<td>69%</td>
<td>67%</td>
</tr>
<tr>
<td>Disponibilidade</td>
<td>75%</td>
<td>73%</td>
</tr>
</tbody>
</table>

4.2. Frequência e assuntos dos contactos entre pais e educadores

Nos quadros LV, LVI e LVII, apresenta-se a frequência dos contactos entre pais e educadoras, bem como dos conteúdos dos respectivos assuntos. Os dois primeiros quadros estão relacionados com o questionário-entrevista, e o terceiro com os dados recolhidos através da "ficha dos contactos com as educadoras".
QUADRO LV - FREQUÊNCIA DOS CONTACTOS DOS PAIS COM AS EDUCADORAS

<table>
<thead>
<tr>
<th>AMOSTRA</th>
<th>ALCÂCER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td></td>
<td>ELABORAÇÃO</td>
<td>EXTENSÃO</td>
</tr>
<tr>
<td>FREQUÊNCIA</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>DIARIAMENTE</td>
<td>12%</td>
<td>13%</td>
</tr>
<tr>
<td>SEMANALMENTE</td>
<td>35%</td>
<td>17%</td>
</tr>
<tr>
<td>MENSALMENTE</td>
<td>6%</td>
<td>25%</td>
</tr>
<tr>
<td>RARAMENTE</td>
<td>47%</td>
<td>38%</td>
</tr>
<tr>
<td>NÃO CONTACTAM</td>
<td>-</td>
<td>8%</td>
</tr>
</tbody>
</table>

QUADRO LVI - ASSUNTOS ABORDADOS NOS CONTACTOS DOS PAIS COM AS EDUCADORAS

<table>
<thead>
<tr>
<th>AMOSTRA</th>
<th>ALCÂCER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td></td>
<td>ELABORAÇÃO</td>
<td>EXTENSÃO</td>
</tr>
<tr>
<td>ASSUNTOS</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>ALIMENTAÇÃO</td>
<td>43%</td>
<td>32%</td>
</tr>
<tr>
<td>SONO E SAÚDE</td>
<td>17%</td>
<td>18%</td>
</tr>
<tr>
<td>COMPORTAMENTO NO</td>
<td>26%</td>
<td>39%</td>
</tr>
<tr>
<td>CENTRO</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>LINGUAGEM, RELAÇÃO,</td>
<td>14%</td>
<td>11%</td>
</tr>
<tr>
<td>DESENVOLVIMENTO</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>OUTROS</td>
<td>-</td>
<td>-</td>
</tr>
</tbody>
</table>
QUADROS LVII (a,b,c) - CONTACTOS DOS PAIS COM AS EDUCADORAS

<table>
<thead>
<tr>
<th>QUEN</th>
<th>ALCÂGER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Mãe</td>
<td>30 (38%)</td>
<td>25 (44%)</td>
</tr>
<tr>
<td>Pai</td>
<td>4 (5%)</td>
<td>6 (10%)</td>
</tr>
<tr>
<td>Outros</td>
<td>24 (29%)</td>
<td>16 (28%)</td>
</tr>
<tr>
<td>Não contactos</td>
<td>22 (28%)</td>
<td>10 (18%)</td>
</tr>
</tbody>
</table>

<table>
<thead>
<tr>
<th>ASSUNTO</th>
<th>ALCÂGER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Trazer/levar</td>
<td>44 (76%)</td>
<td>28 (69%)</td>
</tr>
<tr>
<td>Educativos</td>
<td>-</td>
<td>-</td>
</tr>
<tr>
<td>Saúde/sono/</td>
<td>14 (24%)</td>
<td>13 (32%)</td>
</tr>
<tr>
<td>/alimentação</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
</tbody>
</table>

<table>
<thead>
<tr>
<th>RELAÇÃO</th>
<th>ALCÂGER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Simpática</td>
<td>36 (67%)</td>
<td>49 (92%)</td>
</tr>
<tr>
<td>Neutra</td>
<td>18 (33%)</td>
<td>2 (4%)</td>
</tr>
<tr>
<td>Fria/oposição</td>
<td>-</td>
<td>2 (4%)</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Embora com algumas discrepâncias entre o verbalizado e o observado, verifica-se que uma percentagem considerável de mães ou familiares mantêm um contacto temporário com as educadoras dos filhos nomeadamente no concelho das Caldas (1).

---

1 - Incluem-se também os contactos feitos não directamente com os centros pois que nas Caldas parte significativa é feita quando da recolha ou entrega das crianças pelos carros dos infantários.
5- ATITUDES E IMAGENS RELATIVAS À EDUCAÇÃO

Os dados apresentados anteriormente possibilitariam desde já o fazer alguns comentários a este respeito. No entanto, iremos ainda fazer a apresentação de novos elementos referentes à opinião dos pais quanto às funções da escola e ao sentido dos estudos por parte dos filhos.

5.1. Funções da escola primária

A escola primária pode ser vista pelos pais como o local para as aprendizagens básicas (escrever, ler e contar) ou então, já num segundo momento, como ocasião de desenvolvimento socio-cultural das crianças (quadro LVIII).

<table>
<thead>
<tr>
<th>AMOSTRA</th>
<th>ALCACER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>FUNÇÃO</td>
<td>Elaboração</td>
<td>Extensão</td>
</tr>
<tr>
<td>Ler/Escriver/Contar</td>
<td>58%</td>
<td>60%</td>
</tr>
<tr>
<td>Preparar para a vida</td>
<td>11%</td>
<td>14%</td>
</tr>
<tr>
<td>Educar</td>
<td>31%</td>
<td>26%</td>
</tr>
<tr>
<td>Desenvolver/Convidar</td>
<td>-</td>
<td>-</td>
</tr>
</tbody>
</table>

A análise dos resultados permite concluir que um número maior de pais manifestam uma opinião/atitude em relação à escola primária próxima, a nosso ver, do primeiro tipo apresentado.

5.2. Sentido dos estudos após a 4a. classe

Em relação à questão "até quando gostaria que o seu filho estudasse" as opiniões dos pais repartem-se por três categorias de respostas (quadro LIX).
QUADRO LIX - OPINIÃO DOS PAIS QUANTO À DURAÇÃO DOS ESTUDOS DOS FILHOS

<table>
<thead>
<tr>
<th>AMOSTRA</th>
<th>ALCÂCER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>DURAÇÃO</td>
<td>ELABORAÇÃO</td>
<td>EXTENSÃO</td>
</tr>
<tr>
<td>ATÉ QUANDO O FILHO DESEJAR</td>
<td>-</td>
<td>8%</td>
</tr>
<tr>
<td>ATÉ 5º OU 7º ANO</td>
<td>50%</td>
<td>50%</td>
</tr>
<tr>
<td>ATÉ TIRAR UM CURSO SUPERIOR OU OUTRO</td>
<td>50%</td>
<td>42%</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Quanto às razões apontadas para o prosseguimento dos estudos para além da 4a. classe, elas situam-se bastante ao nível das condições de trabalho e subsistência (quadro LX)

QUADRO LX - RAZÕES APONTADAS PARA O PROSSEGÜIMENTO DOS ESTUDOS

<table>
<thead>
<tr>
<th>AMOSTRA</th>
<th>ALCÂCER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>RAZÕES</td>
<td>ELABORAÇÃO</td>
<td>EXTENSÃO</td>
</tr>
<tr>
<td>DEIXAR O CAMPO</td>
<td>25%</td>
<td>35%</td>
</tr>
<tr>
<td>MELHOR EMPREGO</td>
<td>50%</td>
<td>50%</td>
</tr>
<tr>
<td>&quot;SONHO&quot; DOS PAIS</td>
<td>19%</td>
<td>10%</td>
</tr>
<tr>
<td>SABER MAIS, TER MAIS CULTURA</td>
<td>6%</td>
<td>5%</td>
</tr>
</tbody>
</table>
5.3. Comportamento face à televisão

Do conjunto da amostra apenas duas mães (uma nas Caldas e outra em Alcâcer - extensão) referem que os filhos não vêm os programas televisivos por não possuírem TV em casa.

Quanto aos programas vistos a maioria dos pais referem que os filhos apenas vêem alguns (quadro LXI). As razões avançadas pelas mães das crianças que vêem todos os programas são indicadoras de uma atitude passiva da sua parte (a criança gosta muito de TV, gosta de ver tudo).

Os programas referidos aparecem agrupados em várias categorias no quadro LXII.

QUADRO LXI - "QUANTIDADE" DOS PROGRAMAS VISTOS PELA CRIANÇA

<table>
<thead>
<tr>
<th>AMOSTRA</th>
<th>ALCÂSER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>NÚMERO</td>
<td>ELABORAÇÃO</td>
<td>EXTENSÃO</td>
</tr>
<tr>
<td>TODOS</td>
<td>12%</td>
<td>9%</td>
</tr>
<tr>
<td>ALGUNS</td>
<td>88%</td>
<td>91%</td>
</tr>
</tbody>
</table>

QUADRO LXII - TIPO DE PROGRAMAS VISTOS PELAS CRIANÇAS

<table>
<thead>
<tr>
<th>AMOSTRA</th>
<th>ALCÂSER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>PROGRAMAS</td>
<td>ELABORAÇÃO</td>
<td>EXTENSÃO</td>
</tr>
<tr>
<td>Desenhos Animados</td>
<td>55%</td>
<td>63%</td>
</tr>
<tr>
<td>Programas Infantis</td>
<td>20%</td>
<td>19%</td>
</tr>
<tr>
<td>Filmes e Tele novelas</td>
<td>15%</td>
<td>6%</td>
</tr>
<tr>
<td>Outros</td>
<td>10%</td>
<td>13%</td>
</tr>
</tbody>
</table>
Embora a maior percentagem de programas referidos se possam considerar adequados ao nível etário das crianças, as razões que os pais invocam para tal parecem-nos, no entanto, de pouca "implicação educativa" da sua parte (quadro LXIII).

**QUADRO LXIII - RAZÕES PARA QUE AS CRIANÇAS VEJAM CERTOS PROGRAMAS**

<table>
<thead>
<tr>
<th>AMOSTRA</th>
<th>ALCÁCER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td><strong>RAZÕES</strong></td>
<td>ELABORAÇÃO</td>
<td>EXTENSÃO</td>
</tr>
<tr>
<td>Gosta desses</td>
<td>92%</td>
<td>83%</td>
</tr>
<tr>
<td>Mais adequado</td>
<td>-</td>
<td>17%</td>
</tr>
<tr>
<td>Quando os pais vêem</td>
<td>8%</td>
<td>-</td>
</tr>
</tbody>
</table>

6. **COMPETÊNCIAS DOS PAIS QUANTO AO PERSPECTIVAR O FUTURO PROFISSIONAL DOS FILHOS**

A concluir referem-se agora alguns elementos que se prendem de perto com as opiniões e sentimentos dos pais em relação ao futuro profissional dos filhos.

6.1. **Preocupação sentida pelos pais**

A vida no contexto rural pode condicionar algumas dificuldades sentidas pelos pais quanto à educação a dar aos filhos. Os estudos que, até um certo momento poderiam favorecer a obtenção de um emprego melhor e mais seguro, por vezes fora da aldeia, começa a suscitar sérias dúvidas a esse respeito dadas as taxas de desem-
prego existentes. Ao mesmo tempo, a mobilidade social e as transformações actuais poderão não ser tão facilmente assimiláveis por esta população, daí decorrendo situações de perplexidade e de dificuldade ou preocupação – quadro LXIV.

QUADRO LXIV - GRAU DE PREOCUPAÇÃO DOS PAIS EM RELAÇÃO AO FUTURO PROFISSIONAL DOS FILHOS

<table>
<thead>
<tr>
<th>AMOSTRA</th>
<th>ALCACER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td></td>
<td>Elaboração</td>
<td>Extensão</td>
</tr>
<tr>
<td>GRAU</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Muita</td>
<td>59%</td>
<td>46%</td>
</tr>
<tr>
<td>Alguma</td>
<td>24%</td>
<td>33%</td>
</tr>
<tr>
<td>Pouca/</td>
<td>12%</td>
<td>21%</td>
</tr>
<tr>
<td>/Nenhuma</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
</tbody>
</table>

6.2. Que emprego para os filhos?

No sentido do ponto anterior, uma alta percentagem de pais gostaria que os filhos não seguissem as suas próprias profissões. Esta situação é, aliás, mais nítida em Alcâcer.

Quanto às características de um emprego desejado por esta população, constatamos uma maior valorização dos aspectos ligados à garantia e salário do emprego, quadro LXV.
<table>
<thead>
<tr>
<th>AMOSTRA</th>
<th>ALCACER</th>
<th></th>
<th>CALDAS</th>
<th></th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td></td>
<td>Elaboração</td>
<td>Extensão</td>
<td>Global</td>
<td>Elaboração</td>
</tr>
<tr>
<td>Emprego certo</td>
<td>15 (19)</td>
<td>23 (19)</td>
<td>39 (19)</td>
<td>22 (19)</td>
</tr>
<tr>
<td>Deixar o campo</td>
<td>5 (39)</td>
<td>13 (39)</td>
<td>18 (39)</td>
<td>2 (39)</td>
</tr>
<tr>
<td>Bom ordenado</td>
<td>13 (29)</td>
<td>15 (29)</td>
<td>28 (29)</td>
<td>14 (29)</td>
</tr>
<tr>
<td>Ir para a cidade</td>
<td>4 (49)</td>
<td>7 (49)</td>
<td>11 (49)</td>
<td>2 (39)</td>
</tr>
</tbody>
</table>

6.3. Atitudes face ao futuro profissional dos filhos

No que relêita ao seu papel na ajuda a prestar aos filhos no planeamento do seu futuro profissional, os elementos recolhidos, com base na pontuação de 1 a 3 pontos em cada situação apresentada, apontam para algumas ambiguidades.

Em primeiro lugar, os pais reconhecem o papel que os próprios filhos devem ter na escolha do seu rumo, por outro, atribuem a este um sentido fatalista que, por sua vez, os pode conduzir a um maior envolvimento pessoal nas decisões dos filhos (por exemplo, o pai deve indicar a profissão ao filho). Esta situação parece mais comum em Alcâcer, quadro LXVI.
QUADRO LXVI - PONTUAÇÃO MÉDIA (DE 1 - 3 PONTOS) DAS ATITUDES DOS PAÍS FACE ÀS DECISÕES DOS FILHOS, COM BASE NUM APANHADO DAS SITUAÇÕES APRESENTADAS

<table>
<thead>
<tr>
<th>AMOSTRA</th>
<th>ALCACER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TIPO</td>
<td>Elaboração</td>
<td>Extensão</td>
</tr>
<tr>
<td>Responsabilidade do filho</td>
<td>2.8</td>
<td>2.7</td>
</tr>
<tr>
<td>Fatalismo/ácaso</td>
<td>2.4</td>
<td>2.5</td>
</tr>
<tr>
<td>Diretrizes dos pais</td>
<td>1.2</td>
<td>1.5</td>
</tr>
</tbody>
</table>

A concluir, poder-se-á referir ainda a existência de certa ambiguidade ligada a aspectos culturais (estereótipos como por exemplo, as raparigas devem dedicar-se a fazer bem os trabalhos domésticos). A utilidade dessas funções e o sentido prático que as mesmas podem representar, dada as incertezas do futuro e as dificuldades de emprego no momento, terão aqui o seu peso.

No quadro LXVII apresenta-se a pontuação média recebida em cada grupo nas situações que previamente associamos a uma certa estereotipia socio-cultural.

QUADRO LXVII - PONTUAÇÃO MÉDIA ATRIBUÍDA A SITUAÇÕES COM CARGA DE “ESTEREOTIPIA” SOCIAL, COM BASE NUM APANHADO DAS SITUAÇÕES APRESENTADAS (pontuação de 1 a 3)

<table>
<thead>
<tr>
<th>ALCACER</th>
<th>CALDAS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>ELABORAÇÃO</td>
<td>EXTENSÃO</td>
</tr>
<tr>
<td>2.8</td>
<td>2.9</td>
</tr>
</tbody>
</table>
RESULTADOS DO PRÉ-TESTE JUNTO DAS CRIANÇAS
INTRODUÇÃO

Refere-se agora a avaliação do desenvolvimento psicológico de 39 crianças que frequentam os dois últimos anos de Centros de Educação Infantil do Concelho de Alcácer. Os resultados pela seguinte ordem: área Cognitiva, Perceptivo-Motora, Socio-Emocional e Linguagem.

Serão utilizados os seguintes passos na apresentação dos resultados em cada uma das áreas:

1º- Enunciado dos objectivos avaliados na área em questão;
2º- Comentário global realçando os aspectos fundamentais;
3º- Apresentação de um gráfico representando a situação de cada um dos grupos etários relativamente à cotação máxima e mínima de cada um dos instrumentos;
4º- Apresentação, para cada objectivo ou grupo de objectivos de um "termômetro" da situação, com as médias e os desvios-padrão dos resultados para cada grupo etário, num quadro;
5º- Histograma representando o modo como as crianças se distribuem pelos diferentes níveis de cotação considerados.

Esta sistematização do modo de apresentação dos resultados poderá vir a ser completada com gráficos adicionais sempre que tal se mostre necessário à compreensão ou interpretação dos dados.
1. AMOSTRA E DATAS DA AVALIAÇÃO

A avaliação foi realizada em cinco dos Centros de Educação Infantil abrangidos pelo Projecto Alcácer. Na zona de elaboração as crianças observadas provinham de Bairro de S. João e Casebres, sendo as da zona de extensão do Torrão, S. Catarina e S. Susana. Estava ainda prevista a avaliação de crianças do Centro "25 de Abril" o que, devido a circunstancialismos do momento não foi possível concretizar. As crianças que seriam aí avaliadas foram substituídas por outras provenientes dos Centros do Torrão e S. Catarina, cuja seleção foi presidida pelos critérios previamente determinados.

A amostra global das crianças aparece no quadro seguinte:

<table>
<thead>
<tr>
<th>CENTRO</th>
<th>B.S.João</th>
<th>Casebres</th>
<th>Torrão</th>
<th>Sta.Catarina</th>
<th>Sta. Susana</th>
<th>Torrão</th>
<th>Sta.Catarina</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>DATA</td>
<td>Fevereiro/Âmbro 83</td>
<td>Fevereiro/Âmbro 83</td>
<td>Fevereiro/Âmbro 83</td>
<td>Fevereiro/Âmbro 83</td>
<td>Fevereiro/Âmbro 83</td>
<td>Fevereiro/Âmbro 83</td>
<td>Fevereiro/Âmbro 83</td>
</tr>
<tr>
<td>SEXO</td>
<td>M</td>
<td>P</td>
<td>M</td>
<td>P</td>
<td>M</td>
<td>P</td>
<td>M</td>
</tr>
<tr>
<td>TOTAL</td>
<td>3 1 3 3</td>
<td>2 5 1 2</td>
<td>1 4 - 2</td>
<td>2 - 2 -</td>
<td>- - - 2</td>
<td>- - 2 2</td>
<td>- - - 2</td>
</tr>
</tbody>
</table>

2. INSTRUMENTOS

Os instrumentos utilizados para a observação das crianças foram os descritos no relatório anterior. No entanto, procedeu-se a algumas alterações a que atrás fizemos referência.

Ao longo da apresentação dos dados estarão sempre indicados os instrumentos utilizados, pelo número e designação que constam do manual de avaliação, acompanhados dos limites de cotação utilizados.

Parte do material recolhido não merecerá referência aqui, quer por se tratarem de itens em relação aos quais não há dados de todas as crianças, quer porque a sua cotação se mostrou susceptível de mais de uma interpretação.
ÁREA COGNITIVA
ENUNCIADO

1 - CONHECIMENTO FÍSICO
   1.1. INSTRUMENTO
   1.2. RESULTADOS

2 - CONHECIMENTO SOCIAL
   2.1. INSTRUMENTO
   2.2. RESULTADOS

3 - CONHECIMENTO LÓGICO
   3.1. INSTRUMENTO
   3.2. RESULTADOS
      3.2.1. CLASSIFICAR
      3.2.2. ORDENAR
      3.2.3. COMPETÊNCIAS NUMÉRICAS
      3.2.4. CONSERVAÇÃO E REVERSIBILIDADE

4 - NOÇÕES ESPACIAIS
   4.1. INSTRUMENTO
   4.2. RESULTADOS

5 - NOÇÕES DE TEMPO
   5.1. INSTRUMENTO
   5.2. RESULTADOS

6 - REPRESENTAÇÃO
   6.1. INSTRUMENTO
   6.2. RESULTADOS
COMENTÁRIO GLOBAL

O desenvolvimento COGNITIVO é inferior ao nível geral das áreas PERCEPTIVO-MOTORÁ e SOCIO-EMOCIONAL, embora com um padrão irregular nos seis grupos de objectivos:

Ambos os grupos demonstram ter um reportório de acções (1) que não facilita um conhecimento rico dos objectos e suas propriedades.

O conhecimento das regras, papeis e convenções sociais é bastante limitado (2).

O desenvolvimento no domínio do "CONHECIMENTO LÓGICO" (3), está mais próximo dos limites máximos que dos mínimos, sendo evidente (ver histograma do ponto 3) a superioridade do grupo de crianças mais velhas. É de assinalar a boa capacidade de "ABSTRACÇÃO DE PROPRIEDADES COMUNS" (3.2.1.) e de "DOMÍNIO DE PERTENCÊNCIA A CLASSES CONVENCIONAIS" (3.2.1.). Por outro lado, estas crianças são pouco capazes de "ORDENAR" (3.2.2.) e, têm "COMPETÊNCIAS NUMÉRICAS" (3.2.3.) fracas. A grande maioria não adquiriu os pré-requisitos da "CONSERVAÇÃO COM CORRESPONDÊNCIA PROVOCADA" (3.2.4.), mantendo-se ao nível da impressão perceptível. O uso e compreensão de conceitos de "RELAÇÃO TOPOLOGICA" (4) é relativamente bem dominado pelas crianças, com superioridade para os mais velhos. Nas "NOÇÕES DE TEMPO" (5), há uma diferença grande entre os dois grupos, sendo que os mais velhos demonstram um nível de compreensão da identidade que permanece sob as transformações do crescimento, do tempo não presente e, serem capazes de ordenar acontecimentos temporalmente (note-se que, na área daLINGUAGEM, a componente "NARRAR" mostra que as tendências dos dois grupos são semelhantes a estas). Finalmente, ao nível da "REPRESENTAÇÃO" (5), o nível atingido é considerado "médio", havendo pouca diferença entre os grupos. Para este objectivo é especialmente conveniente observar o histograma, para uma ideia mais exacta do desenvolvimento da "REPRESENTAÇÃO" nas crianças mais novas, dado o facto de a distribuição se mostrar irregular, tornando em consequência difícil e mesmo pouco significativa uma análise de conjunto. (fig 14)
Figura 14 - Área Cognitiva - componentes: situação relativa dos dois grupos etários e por referência aos limites de cotação.
1- CONHECIMENTO FÍSICO

As crianças conhecem as propriedades dos objectos e têm um reportório de acções sobre eles que lhes permitem conhecê-los.

1.1. Instrumento

cotação

1) a.c.d. 2-30

max- 2
min- 30

1.2. Resultados

---

Figura 15 - Conhecimento Físico: situação relativa dos dois grupos etários e por referência aos limites de cotação
QUADRO LXVIII - CONHECIMENTO FÍSICO

<table>
<thead>
<tr>
<th>INDICES</th>
<th>N</th>
<th>M</th>
<th>D.P.</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>AMOSTRA</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>MAIS NOVOS</td>
<td>18</td>
<td>23.8</td>
<td>3.55</td>
</tr>
<tr>
<td>MAIS VELHOS</td>
<td>21</td>
<td>17.3</td>
<td>3.66</td>
</tr>
</tbody>
</table>

As crianças mais velhas colocam-se numa posição mais próxima do limite máximo se bem que, ambos os grupos de crianças, tenham demonstrado um reportório de acções que não permitem um conhecimento dos objectos e suas propriedades.

Veja-se como as crianças dos dois grupos frequentam estes itens:
Figura 16 - Conhecimento Físico: modo como as crianças se distribuem pelos níveis de cotação considerados.
2- CONHECIMENTO SOCIAL

As crianças têm conhecimento de regras de conduta, pais familiares e comunitários, de (certas) convenções sociais.

2.1. Instrumento
cotação
2) a. 4-15
max- 4
min- 15

2.2. Resultados

![Diagrama]

Figura 17 - Conhecimento Social: situação relativa dos dois grupos etários e por referência aos limites de cotação considerados

QUADRO LXIX - CONHECIMENTO SOCIAL

<table>
<thead>
<tr>
<th>INDICES</th>
<th>N</th>
<th>M</th>
<th>D.P.</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>AMOSTRA</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>MAIS NOVOS</td>
<td>18</td>
<td>12.7</td>
<td>2.55</td>
</tr>
<tr>
<td>MAIS VELHOS</td>
<td>21</td>
<td>11.1</td>
<td>3.18</td>
</tr>
</tbody>
</table>
Ambos os grupos possuem um conhecimento muito limitado de regras de conduta, papeis, convenções, etc.

Como se pode ver na figura 18 os dois grupos etários frequentam as cotações de modo a que se encontra para muitos dos níveis uma sobreposição.

![Gráfico](image)

**Figura 18 - Conhecimento Social:** modo como as crianças se distribuem pelos níveis de cotação considerados.

3- **CONHECIMENTO LÓGICO**

As crianças demonstram ter o domínio da pertença a classes convencionais e são capazes de abstrair propriedades comuns aos objetos;

Ordenam relações transitivas nos dois sentidos;
Adquirem o conceito de número;
Adquirem os pré-requisitos para a conservação com correspondência provocada.
3.1. Instrumento

<p>| | |</p>
<table>
<thead>
<tr>
<th></th>
<th></th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>3) a.</td>
<td>4-12</td>
</tr>
<tr>
<td>4) a.b.c.</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>6) a.b.c.</td>
<td>9-26</td>
</tr>
<tr>
<td>7) a.b.c.</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>8) a.b.c.d.e.</td>
<td>5-15</td>
</tr>
<tr>
<td>9) a.b.c.d.</td>
<td>1-4</td>
</tr>
</tbody>
</table>

max- 19
min- 57

3.2. Resultados

No geral, os grupos colocam-se numa posição intermédia, com os mais velhos numa situação superior. A concentração das crianças nos níveis de cotação, figura 20, revela bem a superioridade do desenvolvimento do conhecimento lógico, nas crianças mais velhas.
Figura 19 - Conhecimento Lógico - situação relativa dos dois grupos etários e por referência aos 11 mites de cotação considerados.
Figura 20 - Conhecimento Lógico: modo como as crianças se distribuem pelos níveis de cotação considerados
QUADRO LXX - CONHECIMENTO LÓGICO

<table>
<thead>
<tr>
<th>INDICES</th>
<th>N</th>
<th>M</th>
<th>D.P.</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>AMOSTRA</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>MAIS NOVOS</td>
<td>18</td>
<td>37.7</td>
<td>6.43</td>
</tr>
<tr>
<td>MAIS VELHOS</td>
<td>21</td>
<td>28.3</td>
<td>4.33</td>
</tr>
</tbody>
</table>

O domínio da pertença a classes convencionais e a abstracção de propriedades comuns, são objectivos atingidos quase completamente pelas crianças mais velhas, e com um nível bastante elevado pelas mais novas (verificar figuras do ponto 3.2.1.). Já no que respeita a ser capaz de ordenar, isto é, discriminar e ordenar, as crianças se situam nitidamente mais atrás. As suas competências numéricas são médias-baixas.

A grande parte das crianças não possui uma estrutura lógica mais poderosa que a impressão perceptiva (cf. 3.2.4.).
Esta situação é explicitada através da figura 21.
Figura 21 - Conhecimento Lógico - componentes: situação relativa dos dois grupos etários e por referência aos limites de cotação.
3.2.1. Pertença a classes convencionais e abstração de propriedades comuns

\[ x_{\text{min}} \]
\[ 10 \]
\[ 5 \]
\[ \text{cotação} \]
\[ x_{\text{max}} \]

Figura 22 - Classificar: situação relativa dos dois grupos etários e por referência aos limites de cotação considerados

QUADRO LXXI - CLASSIFICAR

<table>
<thead>
<tr>
<th>INDICES</th>
<th>N</th>
<th>M</th>
<th>D.P.</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>AMOSTRA</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>MAIS NOVOS</td>
<td>18</td>
<td>6.1</td>
<td>1.5</td>
</tr>
<tr>
<td>MAIS VELHOS</td>
<td>21</td>
<td>4.2</td>
<td>0.46</td>
</tr>
</tbody>
</table>
A distribuição dos dois grupos pelos níveis de realização considerados, mostra que os mais velhos se repartem pelos dois níveis máximos. O grupo dos mais novos concentra também grande percentagem de elementos nos níveis superiores. Ver figura 23.

Figura 23 - Classificar: modo como as crianças se distribuem pelos níveis de cotação considerados.
Especialmente os mais velhos estão muito próximo daquilo que se poderia considerar o sucesso total nos critérios da avaliação utilizados (fig. 24).

![Diagrama](image)

**Figura 24 - Classificar - componentes: situação relativa dos dois grupos etários e por referência aos limites de cotação**

3.2.2. **Ordenar relações transitivas**

As crianças distribuem-se na cotação conforme representado na figura 26.
Figura 25 - Ordenar: situação relativa dos dois grupos etários e por referência aos limites de cotação

QUADRO LXXII - ORDENAR

<table>
<thead>
<tr>
<th>INDICES</th>
<th>N</th>
<th>M</th>
<th>D.P.</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>AMOSTRA</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>MAIS NOVOS</td>
<td>18</td>
<td>17</td>
<td>4.10</td>
</tr>
<tr>
<td>MAIS VELHOS</td>
<td>21</td>
<td>13.4</td>
<td>3.10</td>
</tr>
</tbody>
</table>
Figura 26 - Ordenar: modo como as crianças se distribuem pelos níveis de cotação considerados
Embora com uma diferença, ambos os grupos mostram poucas competências de ordenação (fig. 27).

Figura 27 - Ordenar - componentes: situação relativa dos dois grupos etários e por referência aos limites de cotação.
3.2.3. Competência numéricas

Figura 28 - Número: situação relativa dos dois grupos etários e por referência aos limites de cotação

QUADRO LXXIII- NÚMERO

<table>
<thead>
<tr>
<th>INDICES</th>
<th>N</th>
<th>M</th>
<th>D.P.</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>AMOSTRA</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>MAIS NOVOS</td>
<td>18</td>
<td>10.8</td>
<td>2.09</td>
</tr>
<tr>
<td>MAIS VELHOS</td>
<td>21</td>
<td>7.5</td>
<td>1.86</td>
</tr>
</tbody>
</table>

As crianças mais velhas têm em média mais competências numéricas (fig. 28).
A figura 29 dá uma representação gráfica da frequência das crianças em cada nível de cotação. São preenchidos todos os níveis, com maior concentração nos extremos superiores, isto é, há mais crianças com um desenvolvimento muito bom do conceito de número, que com um desenvolvimento muito fraco.

Figura 29 - Número: modo como as crianças se distribuem pelos níveis de cotação considerados
3.2.4. Conservação e reversibilidade

Figura 30 - Conservação e Reversibilidade: situação relativa dos dois grupos etários e por referência aos limites de cotação

QUADRO LXXIV - CONSERVAÇÃO E REVERSIBILIDADE

<table>
<thead>
<tr>
<th>INDICES</th>
<th>N</th>
<th>N</th>
<th>D.P.</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>AMOSTRA</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>MAIS NOVOS</td>
<td>18</td>
<td>3.7</td>
<td>0.46</td>
</tr>
<tr>
<td>MAIS VELHOS</td>
<td>21</td>
<td>3.0</td>
<td>0.76</td>
</tr>
</tbody>
</table>
Ambos os grupos etários se situam ainda muito ao nível da impressão perceptiva, como mostra a figura e tabela acima expostas.

Note-se, observando a figura 31 que o nível máximo não é frequentado por qualquer criança e, o mínimo, tem grande concentração de elementos.

Figura 31 - Conservação e Reversibilidade: modo como as crianças se distribuem pelos níveis de cotação considerados
4 - NOÇÕES ESPACIAIS

As crianças têm possibilidades de usar e compreender os conceitos de relação topológica.

4.1. Instrumento

   cotação
10) a.b.c.d.e.f.  6-17
    max= 6
    min= 17

4.2. Resultados

![Diagrama]

Figura 32 - Noções espaciais: situação relativa dos dois grupos etários e por referência aos limites de cotação.

QUADRO LXXV - NOÇÕES ESPACIAIS

<table>
<thead>
<tr>
<th>AMOSTRA</th>
<th>N</th>
<th>M</th>
<th>D.P.</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MAIS NOVOS</td>
<td>18</td>
<td>10.7</td>
<td>2.53</td>
</tr>
<tr>
<td>MAIS VELHOS</td>
<td>21</td>
<td>8</td>
<td>1.30</td>
</tr>
</tbody>
</table>
O grupo de crianças com idade compreendidas entre os 4,7 e 5,6 anos, vem para mais perto da cotação máxima considerada para a avaliação das noções espaciais, tal como mostram a figura e tabela acima expostas.

As várias crianças frequentam este instrumento do seguinte modo:

Figura 33 - Noções espaciais: modo como as crianças se distribuem pelos níveis de cotação consideradas
5- NOÇÕES DE TEMPO

As crianças compreendem a identidade sob as transformações do crescimento, ordenam temporalmente acontecimentos e compreendem o tempo não-presente.

5.1. Instrumento

cotação

12) a.b.  
3-8

máx- 3
min- 8

5.2. Resultados

Figura 34 - Noções de tempo: situação relativa dos dois grupos etários e por referência aos limites de cotação

QUADRO LXXVI - NOÇÕES DE TEMPO

<table>
<thead>
<tr>
<th>ÍNDICES</th>
<th>N</th>
<th>M</th>
<th>D.P.</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>AMOSTRA</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>MAIS NOVOS</td>
<td>18</td>
<td>5.3</td>
<td>1.85</td>
</tr>
<tr>
<td>MAIS VELHOS</td>
<td>21</td>
<td>4.1</td>
<td>0.98</td>
</tr>
</tbody>
</table>
Através da figura e tabela acima, verifica-se que as crianças mais novas se classificam num nível muito próximo do mínimo exigido; as mais velhas, próximo do nível máximo. Note-se que este resultado vai no mesmo sentido do obtido no ponto 2 da área da Linguagem.

Os grupos de idade distribuem-se pelos níveis de cotação considerados, do seguinte modo:

- mais velhos
- mais novos

![Gráfico de barras](image)

Figura 35 - Noções de tempo: modo como as crianças se distribuem pelos níveis de cotação considerados.
6- REPRESENTAÇÃO

As crianças internalizam representações conceptuais, desenvolvem a imagem mental ao nível do símbolo e externalizam-nas.

6.1. **Instrumento**

<table>
<thead>
<tr>
<th>Cotação</th>
<th>13) a.d.</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>max</td>
<td>2</td>
</tr>
<tr>
<td>min</td>
<td>9</td>
</tr>
<tr>
<td>cotação</td>
<td>2-9</td>
</tr>
</tbody>
</table>

6.2. **Resultados**

![Diagrama de cotação]

Figura 36 - Representação: situação relativa dos dois grupos etários e por referência aos limites de cotação

**QUADRO LXXVII - REPRESENTAÇÃO**

<table>
<thead>
<tr>
<th>INDICES</th>
<th>N</th>
<th>M</th>
<th>D.P.</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>AMOSTRA</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>MAIS NOVOS</td>
<td>18</td>
<td>5.2</td>
<td>1.67</td>
</tr>
<tr>
<td>MAIS VELHOS</td>
<td>21</td>
<td>4.4</td>
<td>0.74</td>
</tr>
</tbody>
</table>
Vemos pois, através da figura e tabela apresentadas, que as crianças de ambos os grupos se colocam num nível intermédio.

Este nível deve-se à seguinte distribuição:

![Diagrama de barras mostrando a distribuição de crianças nos diferentes níveis de realização. Aproximadamente, a maioria dos mais velhos se encontra nos níveis de 2 a 5, enquanto os mais novos se distribuem mais pelas categorias de 6 a 8.]

Nota: a média dos mais novos é consideravelmente afectada por um pequeno número de crianças que, irregularmente, se situam nos níveis mais elevados (cf. desvio padrão)
ÁREA PERCEPTIVO-MOTORA
ENUNCIADO

1 - MOTRICIDADE FINA
   1.1. INSTRUMENTO
   1.2. RESULTADOS

2 - MOTRICIDADE GLOBAL
   2.1. INSTRUMENTO
   2.2. RESULTADOS

3 - CONTROLE
   3.1. INSTRUMENTO
   3.2. RESULTADOS

4 - PERCEPÇÃO TACTIL
   4.1. INSTRUMENTO
   4.2. RESULTADOS

5 - PERCEPÇÃO VISUAL
   5.1. INSTRUMENTO
   5.2. RESULTADOS

6 - PERCEPÇÃO AUDITIVA
   6.1. INSTRUMENTO
   6.2. RESULTADOS

7 - ORGANIZAÇÃO TEMPORAL PERCEPTIVO-MOTORA
   7.1. INSTRUMENTO
   7.2. RESULTADOS
COMENTÁRIO GLOBAL

A área em que, de um modo geral, foram mais atingidos os critérios de sucesso foi a "PERCEPTIVO-MOTOR".

As crianças mais velhas situam-se a um nível próximo dos limites máximos de cotação e, as mais novas distanciam-se muito dos mínimos. Ambos os grupos mostram um padrão semelhante de altos e baixos nos sete grupos de objectivos considerados:

É de assinalar o nível obtido nos aspectos da "MOTRICIDADE FINA" (1) e "ORGANIZAÇÃO TEMPORAL PERCEPTIVO-MOTOR" (7). No primeiro caso o baixo nível deve-se em especial a um controle da motricidade fina muito fraco e, a reduzidas competências de manipulações segmentares. Tais aspectos vão aliás, reflectir-se numa também fraca realização ao nível do "CONTROLE" (3). No segundo caso, a maior parte das crianças foi incapaz de fazer batimentos ritmados (cf histograma do ponto 7).

No que respeita à "PERCEPÇÃO AUDITIVA" (6), foram atingidos níveis muito próximos da pontuação máxima (figura 38).
Figura 38 - Área perceptivo-motora - componentes situacionais relativas aos limites de cotação.
1- MOTRICIDADE FINA

As crianças demonstram coordenação visuo-motora e estruturação do espaço;
Coordenação bi-manual; (1.2.1.)
Controle e manipulações segmentares; (1.2.2)
Força manipulativa e precisão de movimentos. (1.2.3.)

1.1. Instrumento

cotação
1) 2-7
2) 2-8
3) 5-20
4) 2-6

max- 11
min- 41

1.2. Resultados

QUADRO LXXVIII.- MOTRICIDADE FINA

<table>
<thead>
<tr>
<th>ÍNDICES</th>
<th>N</th>
<th>M</th>
<th>D.P.</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>AMOSTRA</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>MAIS NOVOS</td>
<td>18</td>
<td>29,2</td>
<td>4,95</td>
</tr>
<tr>
<td>MAIS VELHOS</td>
<td>21</td>
<td>21,7</td>
<td>3,70</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Fig.39- Motricidade fina
As crianças distribuem-se pelos níveis de cotação como:

- ■ cr. mais novas
- □ cr. mais velhas

Fig.40-Motricidade fina
A figura 41 especifica a situação para todos os aspectos da motricidade fina que foram considerados.

--- max. e min.
--- cr. mais novas
... cr. mais velhas

Figura 41 - Motricidade Fina: componentes
Assim, a coordenação visuo-motora, a força manipulativa e a precisão de movimentos são conseguidas com um nível médio praticamente igual para os dois grupos de idade. A força e precisão são aspectos cujos critérios de sucesso foram quase totalmente atingidos.

As crianças mais novas têm um controle de motricidade fina muito baixo e são pouco capazes de manipulações segmentares.

2- MOTRICIDADE GLOBAL

Avaliação do Equilíbrio:
Agilidade e confiança;
Coordenação olho e mão/perna;
Força física;
Coordenação de movimentos com outra pessoa.

2.1. Instrumento

cotação
6) 6-23
8) 1-4
9) 4-15
10) 2-8
11) 1-3

max-14
min-53
2.2 Resultados

QUADRO LXXIX - MOTRICIDADE GLOBA

<table>
<thead>
<tr>
<th>INDICES</th>
<th>N</th>
<th>M</th>
<th>D.P.</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>AMOSTRA</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>MAIS NOVOS</td>
<td>18</td>
<td>26,4</td>
<td>5,88</td>
</tr>
<tr>
<td>MAIS VELHOS</td>
<td>21</td>
<td>17,6</td>
<td>2,88</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Cotação

- novos
- velhos
- max.

Figura 42 - Motricidade Global: situação de cada grupo etário, relativamente aos limites de cotação
A figura e tabela acima expostas, mostram que o grupo mais velho se situa já próximo da cotação máxima. Vejamos como as crianças no geral se distribuem pela cotação:

Figura 43—Motricidade Global
A leitura da figura 44 revela que ambos os grupos e, em especial o dos mais velhos, se aproximam do máximo considerado, mostrando um padrão regular para todos os componentes.

--- max. e min.
--- cr. mais novas
... cr. mais velhas

Figura 44 - Motricidade Global-componentes
3-CONTROLE

As crianças conseguem ser Rápidas e Precisas

3.1. Instrumento

cotação

12) 1-3

max- 1
min- 3

3.2. Resultados

QUADRO LXXX - CONTROLE

<table>
<thead>
<tr>
<th>AMOSTRA</th>
<th>N</th>
<th>M</th>
<th>D.P.</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MAIS NOVOS</td>
<td>18</td>
<td>2,7</td>
<td>0,54</td>
</tr>
<tr>
<td>MAIS VELHOS</td>
<td>21</td>
<td>1,9</td>
<td>0,76</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Figura 45 - Controle
Modo como as crianças frequentam este instrumento nas suas várias cotações:

![chart]

Figura 46 – Controle

Este histograma mostra-nos a imprecisão das crianças mais novas, quer elas sejam rápidas ou lentas. O sucesso neste instrumento está relacionado com o controle da motricidade fina (cf. ponto 1, fig com os componentes).

4- PERCEPÇÃO TACTIL

4.1. Instrumento

cotação

<table>
<thead>
<tr>
<th>13)</th>
<th>3-8</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>max-3</td>
<td>min-8</td>
</tr>
</tbody>
</table>
4.2. Resultados

QUADRO LXXXI—PERCEPÇÃO TACTIL

<table>
<thead>
<tr>
<th>INDICES</th>
<th>N</th>
<th>M</th>
<th>D.P.</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>AMOSTRA</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>MAIS NOVOS</td>
<td>18</td>
<td>5,7</td>
<td>1,11</td>
</tr>
<tr>
<td>MAIS VELHOS</td>
<td>21</td>
<td>3,7</td>
<td>0,78</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Figura 47 — Percepção tactil

As figuras 47 e 48, mostram-nos a existência de uma percentagem elevada de crianças mais velhas nos níveis máximos de cotação.

Figura 48 — Percepção tactil
5 - PERCEPÇÃO VISUAL

As crianças demonstram: Integração visuo-motora;
Memória visual;
"Visual closure".

5.1. Instrumento

cotação
17) 1-3
18) 1-5
19) 1-3

max= 3
min= 11

5.2. Resultados

Figura 50 - Percepção Visual

QUADRO LXXXII - PERCEPÇÃO VISUAL

<table>
<thead>
<tr>
<th>INDICES</th>
<th>N</th>
<th>M</th>
<th>D.P.</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>AMOSTRA</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>MAIS NOVOS</td>
<td>18</td>
<td>6,6</td>
<td>1,45</td>
</tr>
<tr>
<td>MAIS VELHOS</td>
<td>21</td>
<td>4,5</td>
<td>1,02</td>
</tr>
</tbody>
</table>
Os níveis de realização das crianças neste instrumento concentram-se do seguinte modo:

Figura 51 - Percepção Visual

É na componente Integração visuo-motora que ambos os grupos atingem um nível menos elevado, como mostra a figura 52.

Figura 52 - Percepção Visual: componentes
6- PERCEPÇÃO AUDITIVA

As crianças têm: Consciência auditiva
Memória auditiva.

6.1. Instrumento
cotação
20) 1-4
22) 1-4

max- 2
min- 8

6.2. Resultados

Figura 53 - Percepção Auditiva

QUADRO LXXXIII- PERCEPÇÃO AUDITIVA

<table>
<thead>
<tr>
<th>INDÍCIES</th>
<th>N</th>
<th>M</th>
<th>D.P.</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>AMOSTRA</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>MAIS NOVOS</td>
<td>18</td>
<td>4,3</td>
<td>1,49</td>
</tr>
<tr>
<td>MAIS VELHOS</td>
<td>21</td>
<td>3,5</td>
<td>0,07</td>
</tr>
</tbody>
</table>
Pela figura e tabela podemos verificar que os dois grupos etários se aproximam um do outro nas cotações, médias, obtidas. Esta situação pode observar-se de modo mais detalhado no histograma da figura que se segue e que representa o modo de distribuição das crianças nos níveis de realização considerados.

Figura 54 – Percepção Auditiva

O nível de percepção auditiva dos dois grupos etários é devido a um padrão semelhante em cada um dos grupos, mas variável quando consideramos as duas componentes; É na Memória auditiva que o nível de realização é menor (cf. Figura 55).

Figura 55 – Percepção Auditiva: componentes
7. ORGANIZAÇÃO TEMPORAL PERCEPTIVO MOTORA

7.1. Instrumento

cotação

23) 2-7

max- 2
min- 7

7.2. Resultados

Figura 56 - Organização Temporal Perceptivo-Motora

QUADRO LXXXIV - ORGANIZAÇÃO TEMPORAL PERCEPTIVO-MOTORA

<table>
<thead>
<tr>
<th>AMOSTRA</th>
<th>N</th>
<th>M</th>
<th>D.P.</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MAIS NOVOS</td>
<td>18</td>
<td>5.7</td>
<td>1.77</td>
</tr>
<tr>
<td>MAIS VELHOS</td>
<td>21</td>
<td>5</td>
<td>1.78</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Ambos os grupos se cotam pois bastante próximo da cotação mais baixa (fig. e tabela acima expostas).

O histograma da figura 57, permite notar que ambos os grupos concentram os seus membros nas notas correspondentes a uma fraca organização temporal perceptivo motora.
Figura 57 – Organização Temporal Perceptivo-Motora
ÁREA SOCIO - EMOCIONAL
ENUNCIADO

1- COMPETÊNCIA SOCIAL
   1.1.INSTRUMENTO
   1.2.RESULTADOS
      1.2.1.AUTONOMIA
         1.2.1.1.AUTONOMIA DE REALIZAÇÃO
         1.2.1.2.DEPENDÊNCIA
         1.2.1.3.CONTROLES
         1.2.1.4.MANUTENÇÃO PESSOAL
      1.2.2.CONFIANÇA E SEGURANÇA
         1.2.2.1.MODALIDADES DE RELAÇÃO
         1.2.2.2.CONFIANÇA
      1.2.3.INTEGRAÇÃO

2- INTELIGÊNCIA SOCIAL
   2.1.INSTRUMENTO
   2.2.RESULTADOS
      2.2.1.DIFERENCIAR SENTIMENTOS
      2.2.2.NORMAS E REGRAS

3- ORIENTAÇÃO ACADÊMICA
   3.1.INSTRUMENTOS
   3.2.RESULTADOS
      3.2.1.INTERESSE E PARTICIPAÇÃO
      3.2.2.MOTivaÇÃO PARA O SUCESSO
      3.2.3.ATENÇÃO
      3.2.4.ROTINAS ESCOLARES
COMENTÁRIO GLOBAL

O padrão de realização nos três aspectos considerados na área "SOCIO-EMOCIONAL" é muito semelhante para os dois grupos etários, sendo o nível global "médio":

Ambos se distanciam mais da cotação máxima no que diz respeito à "INTELIGÊNCIA SOCIAL" (2) e se aproximam mais no que diz respeito à "COMPETÊNCIA SOCIAL" (1).

Com um nível "médio de realização a nível da "COMPETÊNCIA SOCIAL" (1), o padrão atingido nos seus componentes, não é regular; assim, nota-se pouca "AUTONOMIA" (1.2.1.) na realização das tarefas, com índices de desmobilização e compensação consideráveis e, ainda, com dificuldades de planeamento e reflexão (de acordo com os níveis de "ATENÇÃO" e "MOTIVAÇÃO PARA O SUCESSO").

A "DIFERENCIACIÓN DE SENTIMENTOS" (2.2.1.) e "CONHECIMENTO DE NORMAS" que permitem funcionar adequadamente (2.2.2.) são objectivos cujos critérios de sucesso foram muito insatisficientemente atingidos, sem que se possa atribuir a um destes objectivos em particular, o nível de "INTELIGÊNCIA SOCIAL" das crianças.

De salientar, no âmbito da "ORIENTAÇÃO ACADEMICA" (3) um baixo nível de "MOTIVAÇÃO PARA O SUCESSO" (3.2.2.), particularmente, nas crianças mais novas bem como, uma pequena capacidade de controlar a "ATENÇÃO" (3.2.3.). (figura 58).
Figura 58 - Área Socio-Emocional: Componentes
1- COMPETÊNCIA SOCIAL

As crianças são autônomas, sentem-se confiantes e seguras, demonstram integração social.

1.1. Instrumentos

<table>
<thead>
<tr>
<th>cotação</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>II 13) a.</td>
</tr>
<tr>
<td>II 1) a.</td>
</tr>
<tr>
<td>I 5)</td>
</tr>
<tr>
<td>II 6)</td>
</tr>
<tr>
<td>II 1)</td>
</tr>
<tr>
<td>II 7)</td>
</tr>
<tr>
<td>II 4)</td>
</tr>
<tr>
<td>II 10)</td>
</tr>
<tr>
<td>I 2)</td>
</tr>
<tr>
<td>II 12)</td>
</tr>
<tr>
<td>II 1) b.</td>
</tr>
</tbody>
</table>

max= 29 |
min= 95 |

1.2. Resultados

QUADRO LXXXV - COMPETÊNCIA SOCIAL

<table>
<thead>
<tr>
<th>INDICES</th>
<th>N</th>
<th>M</th>
<th>D.P.</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>AMOSTRA</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>MAIS MCVOS</td>
<td>18</td>
<td>61,8</td>
<td>12,73</td>
</tr>
<tr>
<td>MAIS VELHOS</td>
<td>21</td>
<td>44,0</td>
<td>8,25</td>
</tr>
</tbody>
</table>
Figura 59 - Competência Social

Figura 60 - Competência Social
□ mais novos
□ mais velhos
Figura 67 - Competência Social: Componentes

Analisando os gráficos e quadros anteriores, é de salientar o bom nível de "Confiança" e "Segurança" das crianças mais velhas. Neste objectivo, o padrão dos mais novos diferencia-se em especial do dos mais velhos. Veja-se mais pormenorizadamente em "Confiança e Segurança" (1.2.2.) – componentes.
1.2.1. Autonomia

As crianças demonstram: autonomia na realização de tarefas;
- índices de desmobilização e compensação pequenos;
- planeiam e reflectem;
- usam o adulto como consultor;
- demonstram autonomia afetiva;
- controles internos;
- relacionamento construtivo;
- hábitos de manutenção e cuidado pessoal.

**QUADRO LXXXVI - AUTONOMIA**

<table>
<thead>
<tr>
<th>INDICES AMOSTRA</th>
<th>N</th>
<th>M</th>
<th>D.P.</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MAIS NOVOS</td>
<td>18</td>
<td>19,6</td>
<td>3,64</td>
</tr>
<tr>
<td>MAIS VELHOS</td>
<td>21</td>
<td>14,4</td>
<td>3,35</td>
</tr>
</tbody>
</table>

**Figura 62 - Autonomia**
Como era de prever, as crianças mais velhas são mais autônomas que as mais novas, conforme exposto no gráfico e tabela acima. O histograma da figura 63 representa a distribuição das frequências neste conjunto de itens.
Ambos os grupos se afastam em especial da cotação máxima, no que diz respeito à autonomia de realização. Os critérios de sucesso considerados para este objectivo, eram: autonomia na realização das tarefas, com índices de desmobilização e compensação pequenos e com planeamento e reflexão (fig. 64).

Figura 64 - Autonomia: Componentes
1.2.2. Confiança e Segurança

As crianças têm modalidades positivas de relacionamento nos locais escolares; sentem-se confiantes e exprimem-se livremente nas suas actividades.

\[ \chi_{\text{min}} \]
\[ \chi_{\text{max}} \]

Figura 65 - Confiança e Segurança

<table>
<thead>
<tr>
<th>QUADRO LXXXVII - CONFIANÇA E SEGURANÇA</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td><strong>INDÍCE</strong></td>
</tr>
<tr>
<td>---------------</td>
</tr>
<tr>
<td>AMOSTRA</td>
</tr>
<tr>
<td>MAIS NOVOS</td>
</tr>
<tr>
<td>MAIS VELHOS</td>
</tr>
</tbody>
</table>
A análise do gráfico e tabela acima, mostra que o grupo mais velho se vem situar próximo da cotação máxima considerada, distanciando-se assim nitidamente do grupo mais velho.

Figura 66 - Confiança e Segurança

Figura 67 - Confiança e Segurança: Componentes
1.2.3. Integração Social

As crianças:
- interagem positiva e construtivamente umas com as outras;
- integram-se no grupo-classe;
- têm responsabilidade social;
- têm consciência dos outros e respeitam-os;
- participam respetavelmente na vida escolar.

<table>
<thead>
<tr>
<th>QUADRO LXXXVIII - INTEGRAÇÃO SOCIAL</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td><strong>Índices</strong></td>
</tr>
<tr>
<td>----------------------------------</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>Amostra</strong></td>
</tr>
<tr>
<td>Mais novos</td>
</tr>
<tr>
<td>Mais velhos</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Figura 68 - Integração Social
Figura 69 - Integração Social
Como se depreende da figura 70, a posição em que cada um dos grupos se situa não parece ser especialmente devida a um dos componentes considerados na "Integração Social" (1.2.3.).

Têm um nível "médio" de "Integração" bem como de "Responsabilidade Social".

![Diagrama de relação entre Sociabilidade e Responsabilidade com os níveis mínimo (min) e máximo (max) e pontos para 'novos' e 'velhos'.]
2 - INTELIGÊNCIA SOCIAL

As crianças compreendem situações sociais, socializam o pensamento, são capazes de diferenciar sentimentos, conhecem normas e regras que lhes permitem funcionar adequadamente face às situações com que deparam.

2.1. Instrumento

<table>
<thead>
<tr>
<th>Cotação</th>
<th></th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>I 3)</td>
<td>1-3</td>
</tr>
<tr>
<td>I 4)</td>
<td>4-15</td>
</tr>
<tr>
<td>max</td>
<td>5</td>
</tr>
<tr>
<td>min</td>
<td>15</td>
</tr>
</tbody>
</table>

2.2. Resultados

![Figura 71 - Inteligência Social](image)

QUADRO LXXXIX - INTELIGÊNCIA SOCIAL

| INDICES | AMOSTRA | N  | M   | D.P.
<table>
<thead>
<tr>
<th></th>
<th></th>
<th></th>
<th></th>
<th></th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MAIS NOVOS</td>
<td>18</td>
<td>15,8</td>
<td>2,60</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>MAIS VELHOS</td>
<td>21</td>
<td>12,8</td>
<td>3,51</td>
<td></td>
</tr>
</tbody>
</table>

O gráfico e a tabela acima referidos, mostram que ambos os grupos se situam muito próximo da cotação mínima considerada.
Figura 72 - Inteligência Social

Vimos pois, através das figuras e quadro acima apresentados, que as crianças são muito pouco capazes de diferenciar sentimentos e têm um conhecimento diminuto das normas e regras que lhes permitam funcionar adequadamente.
3- ORIENTAÇÃO ACADÊMICA

- as crianças têm interesse e participam em atividades de grupo semi-estruturadas;
- têm motivação para a realização com sucesso;
- controlam a atenção;
- seguem rotinas escolares.

3.1. Instrumento

cotação
II 10) 1-5
II 11) 1-4
II 12) 2-10
I 13) 1-5
I 14) 1-5

max= 8
min= 38

3.2. Resultados

QUADRO X - ORIENTAÇÃO ACADÊMICA

<table>
<thead>
<tr>
<th>INDICES</th>
<th>N</th>
<th>M</th>
<th>D.P.</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>AMOSTRA MAIS NOVOS</td>
<td>18</td>
<td>25,0</td>
<td>5,19</td>
</tr>
<tr>
<td>AMOSTRA MAIS VELHOS</td>
<td>21</td>
<td>16</td>
<td>4,78</td>
</tr>
</tbody>
</table>
Figura 74 - Orientação Acadêmica
Figura 75 - Orientação Acadêmica
A partir das figuras expostas, torna-se claro que de entre as crianças mais velhas há uma percentagem considerável que se situa nos níveis mais elevados de interesse por, e participação, em actividades de grupo semi-estruturadas, de motivação para o sucesso e controle de atenção, bem como de adequação às rotinas escolares.

![Diagrama de linha com categorias: Interesse, Motivação, Atenção e Rotinas "escolares" para o sucesso.

Figura 76 - Orientação Académica; Componentes

A situação relativa ao máximo e mínimo, em que ambos os grupos se encontram, não é especialmente devida a um dos componentes considerados na "Orientação Académica". O grupo de crianças mais novas afasta-se do das mais velhas no que diz respeito à "Motivação para o Sucesso" e ao desejo de melhorar e dominar mais conhecimentos. Esta, é uma atitude considerada importante, face à escola, considerada frequentemente como preditiva do sucesso escolar (fig. 76).
3.2.1. Interesse e Participação em Grupo

As crianças interessam-se por, e participam activamente e com frequência nas actividades de grupo orientadas.

Figura 77- Interesse e participação

<table>
<thead>
<tr>
<th>QUADRO XCI- INTERESSE E PARTICIPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td><strong>ÍNDICES</strong></td>
</tr>
<tr>
<td>AMOSTRA</td>
</tr>
<tr>
<td>MAIS NOVOS</td>
</tr>
<tr>
<td>MAIS VELHOS</td>
</tr>
</tbody>
</table>
Os dois grupos, tal como exposto nas figuras acima, participam com elementos seus nas cotações intermédias. Dos restantes elementos, os mais velhos demonstram interesse e participação em grupo, superior, e os mais novos, ligeiramente inferior.

3.2.2. Motivação para o Sucesso

As crianças têm desejo de melhorar, vontade de dominar;
- reflexividade, por oposição à impulsividade.

Figura 79 - Motivação para o Sucesso
QUADRO XCII - MOTIVAÇÃO PARA O SUCESSO

<table>
<thead>
<tr>
<th>AMOSTRA</th>
<th>N</th>
<th>M</th>
<th>D.P.</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MAIS NOVOS</td>
<td>18</td>
<td>9,9</td>
<td>2,83</td>
</tr>
<tr>
<td>MAIS VELHOS</td>
<td>21</td>
<td>5,3</td>
<td>2,45</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Como se depreende do histograma da figura 80, a percentagem de crianças mais velhas em níveis inferiores é reduzida, bem como a de crianças mais novas em níveis superiores.

3.2.3. Atenção

As crianças têm controle da atenção: direção, duração e intensidade.
As crianças mais velhas são mais capazes de permanecer atentas, enquanto as mais novas estão muito próximo da capacidade de controlar a atenção.
3.2.4. **Rotinas Escolares**

As crianças seguem rotinas escolares simples.

**Figura 83** - Rotinas Escolares

**QUADRO XCV - ROTINAS ESCOLARES**

<table>
<thead>
<tr>
<th>INDICES</th>
<th>N</th>
<th>M</th>
<th>D.P.</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>AMOSTRA</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>MAIS NOVOS</td>
<td>18</td>
<td>5,3</td>
<td>1,24</td>
</tr>
<tr>
<td>MAIS VELHOS</td>
<td>21</td>
<td>4,0</td>
<td>1,22</td>
</tr>
</tbody>
</table>
Figura 84 - Rotinas Escolares

Tal como exposto nas figuras acima, principalmente as crianças mais novas, denotam alguma dificuldade na adequação às rotinas escolares.
ÁREA DA LINGUAGEM
ENUNCIADO

1 - DESENVOLVIMENTO LINGUÍSTICO E INTELIGIBILIDADE DO DISCURSO
   1.1. INSTRUMENTO
   1.2. RESULTADOS

2 - INTERACÇÃO DO DESEN envolvimento DA LINGUAGEM COM O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO
   2.1. INSTRUMENTO
   2.2. RESULTADOS
      2.2.1. NARRAR
      2.2.2. EFICÁCIA DA COMUNICAÇÃO

3 - LINGUAGEM ESCRITA: INTERESSE E COMPETÊNCIAS BÁSICAS
   §.1. INSTRUMENTO
   3.2. RESULTADOS
COMENTÁRIO GLOBAL

E na área da "LINGUAGEM" que se encontram níveis de sucesso mais baixos, relativamente à cotação considerada:

O "DESENVOLVIMENTO LINGUÍSTICO" (1) é fraco. A boa "INTELIGIBILIDADE DE DO DISCURSO" (1) das crianças mais velhas não é, no entanto, por um nível de "EFICÁCIA DA COMUNICAÇÃO" (2.2.2.), isto é, têm dificuldade em selecionar o essencial de um discurso e de ajustar a comunicação às necessidades do outro. O sucesso neste aspecto depende, no entanto, do desenvolvimento cognitivo (exige descentração) *. A fraca capacidade de "NARRAR" (2.2.1.) demonstrada pelas crianças é afectada pelo desenvolvimento da perspectiva temporal (relembrem-se as "NOÇÕES DE TEMPO" da área cognitiva), quer pela dificuldade de concentração da atenção, quer pelo desenvolvimento linguístico (forma e conteúdo da linguagem), aspectos que foram já salientados.

As crianças não interagem preferencialmente através da linguagem – "USO"(2): pouco frequente. No entanto, parecem capazes de recorrer à linguagem como meio de comunicação quando pretendem atingir um alvo que a exija.

Finalmente, as crianças de ambos os grupos demonstram pouco interesse pela "LINGUAGEM ESCRITA" (3) e um baixo nível de competências básicas que esta exige.(figura 85)

* Se se tratasse de uma situação de necessidade premente seria natural que as crianças conseguissem um ajustamento. Para fazer esta distinção, ver o aspecto "USO E FINALIDADES" (3).
Fig. 85 - Linguagem-componentes: Situação relativa de cada grupo etário, por referência aos limites de cotação

1. Desenv. Linguístico e inteligibilidade
2. Interacção do desenv. cognitivo com o da linguagem
3. Uso e finalidades
4. Interesse e competências de escrita
1 - DESENVOLVIMENTO LINGUÍSTICO E INTELIGIBILIDADE DO DISCURSO

As crianças: 

- possuem um código verbal flexível;
- têm competências linguísticas que as capacitam para receber e comunicar informação;
- compreendem e produzem ideias expressas em palavras, de molde a organizar a experiência e a expressá-la em termos explícitos;
- o seu discurso é inteligível.

1.1. Instrumento

cotação

<table>
<thead>
<tr>
<th>I</th>
<th></th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>1</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>2</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>3</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>4</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>5</td>
<td>0-38</td>
</tr>
<tr>
<td>6</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>7</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>8</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>10</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>11</td>
<td>1-4</td>
</tr>
</tbody>
</table>

max = 1
min = 42
Fig. 86 – Desenvolvimento linguístico e inteligibilidade

<table>
<thead>
<tr>
<th>QUADRO XCV – DESENVOLV. LINGUÍSTICO E INTELIGIBILIDADE</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>INDICES</td>
</tr>
<tr>
<td>AMOSTRA</td>
</tr>
<tr>
<td>MAIS NOVOS</td>
</tr>
<tr>
<td>MAIS VELHOS</td>
</tr>
</tbody>
</table>
Figura 87 - Desenvolvimento Linguístico e Inteligibilidade do Discurso
Fig. 88 - Desenvolvimento linguístico e inteligibilidade de componentes.
Através da análise das figuras atrás apresentadas é possível verificar que as crianças mais velhas atingem o nível máximo da cotação quanto à "Inteligibilidade do Discurso"; o mesmo já não conseguem as mais novas, as quais, no que diz respeito ao "Desenvolvimento Linguístico" global, ainda se aproximam mais da cotação mínima.

2- INTERACÇÃO DO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM COM O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO

As crianças são capazes de: . narrar - fazer comparações temporais de acontecimentos um dos quais, pelo menos, não está presente e recordar; .uma comunicação eficaz, selecionando o essencial e ajustando a comunicação às necessidades do outro.

2.1. Instrumento

<table>
<thead>
<tr>
<th></th>
<th>cotação</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>II 2) a.</td>
<td>1-5</td>
</tr>
<tr>
<td>II 5) a.b.c.</td>
<td>1-5</td>
</tr>
</tbody>
</table>

max- 2
min- 10

2.2 Resultados

![Fig. 89 - Interacção do desenvolvimento da linguagem com o do cognitivo](image)
QUADRO XCVI - INTERACÇÃO

<table>
<thead>
<tr>
<th>ÍNDICES</th>
<th>N</th>
<th>M</th>
<th>D.P.</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>AMOSTRA</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>MAIS NOVOS</td>
<td>18</td>
<td>8,5</td>
<td>1,38</td>
</tr>
<tr>
<td>MAIS VELHOS</td>
<td>21</td>
<td>4,9</td>
<td>1,8</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Fig. 90 - Interacção do desenvolvimento da linguagem com o desenvolvimento cognitivo - modo como as crianças se distribuem por níveis de realização.

(4,7 - 5,6)
(3,6 - 4,6)
Fig. 91 - Interacção do desenvolvimento da linguagem com o do cognitivo - Componentes

A capacidade de "Narrar" é especialmente baixa no grupo etário inferior. As crianças mais velhas situam-se, relativamente, próximo da cotação máxima em ambas as componentes.

2.2.1. Narrar

As crianças fazem comparações temporais de acontecimentos não presentes e são capazes de recordar.

Fig. 92 - "Narrar" - Distribuição das crianças pelo instrumento
Através das figuras acima expostas, pode verificar-se uma nítida superioridade das crianças mais velhas.

2.2.2. Eficácia da Comunicação

As crianças comunicam eficazmente, selecionando o essencial e ajustando-o às necessidades do outro.

**Fig. 93** - "Eficácia da Comunicação" - Distribuição das crianças pelo item
3.- LINGUAGEM ESCRITA: INTERESSE E COMPETÊNCIAS BÁSICAS

3.1. Instrumento

<table>
<thead>
<tr>
<th>cotação</th>
<th>1-6</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>max: 1</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>min: 6</td>
<td></td>
</tr>
</tbody>
</table>

3.2. Resultados

Fig. 94 - Linguagem escrita: Interesse e competências básicas

<table>
<thead>
<tr>
<th>QUADRO XCVII - LINGUAGEM ESCRITA</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>INDICES</td>
</tr>
<tr>
<td>AMOSTRA</td>
</tr>
<tr>
<td>MAIS NOVOS</td>
</tr>
<tr>
<td>MAIS VELHOS</td>
</tr>
</tbody>
</table>
Fig. 95 - "Linguagem escrita": distribuição por níveis de cotação

As crianças de ambos os grupos demonstram pouco interesse pela linguagem escrita e um baixo nível das suas competências básicas (figuras 94 e 95).
CONCLUSÃO

Podemos resumir em três direcções fundamentais o trabalho realizado durante o presente ano:

- Preparação do pré-teste
- Recolha de dados e primeira apresentação dos resultados
- Aperfeiçoamento teórico-prático

As actividades realizadas, a cada um destes três níveis, permitiram, por um lado, cumprir o plano de avaliação previamente estabelecido e, por outro, adquirir experiência e conhecimentos com vista à introdução das modificações necessárias para a consecução final do plano proposto.

<table>
<thead>
<tr>
<th>Página</th>
<th>ONDE SE Lê</th>
<th>DEVE LER-SE</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>33</td>
<td>ilações</td>
<td>elações</td>
</tr>
<tr>
<td>60</td>
<td>QUADRO XL</td>
<td>QUADRO XLV</td>
</tr>
<tr>
<td>114</td>
<td>min.-36</td>
<td>min.-41</td>
</tr>
<tr>
<td>145</td>
<td>min.-15</td>
<td>min.-18</td>
</tr>
<tr>
<td>166</td>
<td></td>
<td>Chave da fig.90</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>□(4,7 – 5,6)</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>□(3,6 – 4,6)</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>Chave da fig.93</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>□(4,7 – 5,6)</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>□(3,6 – 4,6)</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>Chave da fig.95</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>□(4,7 – 5,6)</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>□(3,6 – 4,6)</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Por lapso, não existe a figura nº 49.